

Lúcio Alcântara
Médico e político

As fronteiras do homem-político que tem para vida o projeto de ser, serenamente, inclusive humano

Embora não perceba, o ser demasiado humano tem a mania de vestir-se, durante a vida, com armaduras de todos os gostos. Acaba, em profusão, modelando a si mesmo sob inúmeras camadas, tornando os sentimentos primeiros inacessíveis e profundos. Daí que teime em manter sempre mesma postura e semelhante discurso. Até que lhe cheguem, sem aviso, com arma afiada, que transpasse o elmo e revele o rubor da face.

O desfecho esperado, por dizer preferível, é que o vórtice da heterogenia resulte na síntese de um homem de muitas dimensões. E são vários os sentidos que caracterizam Lúcio Gonçalo de Alcântara: ser-político por genealogia, e homem-político por paixão. Quando criança, construiu-se da combinação entre a tranquilidade da cidade e do sítio e a convivência com a palavra-discurso, multiplicada em metáfora pelo alto-falante improvisado. Nos primeiros vocábulos do jovem orador, o peso de uma tradição política secular, quer de pai e mãe, quer de avô e bisavô, quer de antepassados distantes de quem nem se tem lembrança. De nada adiantaria, no entanto, se a vocação partidária não se traduzisse em projeto de vida.

Lúcio acumulou os fazeres do médico, do literato, do pesquisador e do administrador, mas, por opção ou destino, imperou intrínseca a consciência política. Durante a entrevista, os trejeitos do homem-político aparecem nos signos mais simples, seja no aperto de mão vigoroso, nas respostas que lembram discurso, na postura serena e formal ou na astúcia de perceber até onde se pode ir sem, muito embora, recuar. A voz é incrivelmente

te clara, porque transmite, em cada sílaba, a cordialidade de um conciliador nato. Ingrata seja a vida, que nos forja com uma personalidade enclausurante.

Se a memória vacila, a sobrelha grossa ergue-se demais e as coisas ensaiam sair do controle, Lúcio lembra-se de imediato que pode agir fortemente com modos suaves, tal como ensina o dito camuflado na estante. E, assim, as pernas continuam cruzadas, e os gestos comedidos. Mas é próprio dele o ensinamento de que política e razão nem sempre combinam, e nas entrelinhas do homem-formal traduzem-se alguns sentimentos, ainda que difíceis de adjetivar. Pois que, agora, o cenho relaxa, as pernas se desdobram e as mãos desenham gestos largos e não pontuais. Por detrás da armadura involuntária, vê-se nitidamente o rubro, e ouvem-se palavras que denotam decepção e tristeza. Revela-se o ser demasiadamente humano.

De alguém que já ocupou alguns dos principais cargos da política nacional, não se espera menos que discursos sobre isso e aquilo. Lúcio aventura-se ao situar-se como um democrata e um conciliador. Fácil é ponderar sobre sistemas e panoramas, difícil é tentar falar de si. A tarefa fica complicada porque significa um dissolver de camadas, um retirar de armaduras e uma percepção das sutilezas do tamborilar involuntário dos dedos. E, quando o ser político vira ser humano, fica mais fácil perceber o que existe do estadista no homem e o que há do homem no estadista. Torna-se mais crível compreender, também, quando se fala que a política apaixonou muito.

Equipe de Produção:
João Victor Sales
Raiana Carvalho

Texto de abertura:
Pedro Vasconcelos

Participação:
Igor Gadelha
João Victor Sales
Juliana Diógenes
Mariana Freire
Nayana Siebra
Pedro Vasconcelos
Raiana Carvalho
Raíssa Câmara
Ranniery Melo
Roberta Tavares

Fotografia:
Isabel Paz



Entrevista com Lúcio Gonçalo de Alcântara, dia 1º de dezembro de 2011.

João Victor – Em um livro de depoimentos à coleção Gente, o senhor disse: “Eu acabei reproduzindo, sem que para isso tenha feito um esforço específico, a carreira do meu pai na Medicina e na política. Quase todos os cargos que eu ocupei, ele também ocupou”. E eu quero perguntar qual a importância da figura e da personalidade do doutor Waldemar Alcântara na sua trajetória.

Lúcio – Olha, a importância é muito grande. Em uma dessas entrevistas, disse uma coisa: que ele, para mim, foi mais importante pelo exemplo, pelas ações, do que pela palavra. Era uma pessoa um tanto reservada... Em nenhum momento insistiu nem pra eu ser médico nem pra ser político. Claro que o ambiente em casa automaticamente teve alguma influência nisso. Mas não havia... “Ah, eu sou médico, quero ter um filho médico!” A gente vê muito isso, né? Ou então “Eu quero que você seja meu sucessor na política”. Isso foi se dando naturalmente. Tem uma foto aí, que está lá no meu gabinete do Instituto (*do Câncer do Ceará, do qual Lúcio é presidente*), que inclusive mostra a foto dele, depois (a) minha nos mesmos momentos. Quando ele foi senador, (e quando) eu fui senador. Ele foi vice-governador, eu fui vice-governador. Ele foi governador, eu fui governador. Ele era médico, eu fui médico. Eu fui prefeito, ele não foi, mas ele foi deputado estadual, eu não fui. Mas há uma trajetória muito semelhante. Isso se deu, vamos dizer assim, de uma maneira instintiva. Claro, quando ele era político, eu, criança, ainda (o) acompanhava em viagens, assistia reuniões. O que eu quero dizer é que não houve uma imposição de dizer: “Não, eu vou lhe preparar”. Isso foi se dando naturalmente. É nesse sentido que eu sempre falo sobre essa semelhança de trajetória. E a influência que foi... Ele, para mim, é uma referência muito importante na minha vida, pela sua conduta, pela sua trajetória de vida e tudo isso.

Raíssa – O pai costuma ser um grande herói para os filhos, um grande exemplo. Como é que foi para o senhor ocupar os cargos que o pai ocupou, de certa forma? O que significou para o senhor ser um pouco o (seu) pai também?

Lúcio – Olha, eu achei isso importante no sentido de que eu honrei o nome dele ou a trajetória dele, quer dizer, correspondi a uma

expectativa que ele tinha. A minha mãe (*Maria Dolores Alcântara e Silva*) era mais explícita nisso. Mas eu via dessa forma, como uma realização pessoal e que atendia, vamos dizer assim, a uma expectativa dele.

Igor – Doutor Lúcio, o senhor fala muito do seu pai e citou a sua mãe. Também no livro da coleção Gente, o senhor afirmou que a sua mãe estava constantemente tentando resolver os problemas de outras pessoas. Na pré-entrevista, a Auxiliadora (*Auxiliadora Benevides, secretária que trabalha com Lúcio há mais de 30 anos*) inclusive falou que o senhor tem um pouco disso, que uma grande característica sua é a disposição de servir os outros. Que exemplos a dona Dolores deixou para o senhor, que o senhor carrega tanto na profissão como na vida pessoal?

Lúcio – Olha, a minha mãe é uma pessoa que não tinha curso superior nem nada, mas era uma mulher muito ativa, muito ligada nas coisas, muito comunicativa. Gostava muito de política, não pra se candidatar, mas dos bastidores da política, dos contatos com as pessoas. E ela tinha essa característica realmente. Se você levasse um assunto para ela, pedindo para ela ajudar, ela tomava aquilo, não descansava enquanto não esgotasse todas as possibilidades de atender. Eu também tenho uma norma como político e como pessoa, que eu digo sempre assim: “Quem quer falar comigo, fala”. Pode demorar um pouco mais, às vezes, (por) problema de agenda... (Eu) gosto de atender a quem procura falar comigo. E isso, às vezes, tem um custo emocional, porque você toma conhecimento de muitos problemas diante dos quais você pouco ou nada pode fazer. Mas eu acho que, como político, eu considero isso uma obrigação. Você tem de estar disponível, tem de procurar receber as pessoas, ouvir e, se for possível, ajudar. Se for inclusive uma coisa justa, e você possa dar sua contribuição. Eu acho que isso eu herdei um pouco dela.

Ranniery – Na sua infância, o senhor já convivia com muitos políticos importantes daqui do Estado do Ceará. O senhor lembra como é que via, (qual) a imagem que fazia desses políticos?

Lúcio – Eu gostava muito... O meu pai foi presidente do PSD (*Partido Social Democrata, fundado em 1945 e extinto na ditadura militar*), que era o partido aqui, até ser extin-

A indicação do nome de Lúcio Alcântara para a revista Entrevista foi de João Victor. Ele observou que o ex-governador era o único, dos principais políticos vivos do Ceará, que ainda não fora entrevistado.

Lúcio foi o último entrevistado a ser contado. Por causa da desistência de outro candidato, a equipe de produção teve de correr contra o tempo, tendo menos de um mês para preparar a entrevista.

O primeiro contato com o entrevistado foi feito por telefone. Raiana ligou para a casa de Lúcio, e ele mesmo atendeu, já se prontificando em ceder a entrevista. A partir de então, o contato passou a ser feito com a secretária Auxiliadora.

to, e depois foi presidente da Arena (*Aliança Renovadora Nacional, partido dos militares no Golpe de 1964*). Então tinha muita reunião lá na nossa casa, muitas reuniões de políticos. E eu, quando estava, assistia sempre, ficava ali, olhando, ouvindo, via as discussões que eram travadas, as dificuldades, as articulações políticas e isso, de alguma forma, foi ajudando a moldar a minha formação e também o meu interesse pela política. Além do que, eu participava muito da política local aqui no município de São Gonçalo do Amarante (*município localizado na Região Metropolitana de Fortaleza*), onde nasceu meu pai, nasceu minha mãe, (*nasceram meus*) avós paternos e maternos, e onde eu costumava passar férias com muita frequência. Também participava daquela política local com meus tios. Eu comecei muito cedo a ter esse relacionamento.

Juliana – Mas, doutor Lúcio, o senhor disse que convivia com essas pessoas, com as figuras políticas importantes. Mas, ao mesmo tempo, a sua irmã Luíza (*Luíza Alcântara, bibliotecária da Fundação Waldemar Alcântara*) disse que não tem a menor vontade de participar de política. Ela afirmou mesmo que o senhor comunicou a ela que ela não tinha mesmo como entrar porque ela é muito mais “sangue”, ela é muito mais “emoção”. Ela também conviveu nesse meio. A que o senhor atribui (*o fato de*) ter despertado para isso? O que o atraía nessa convivência?

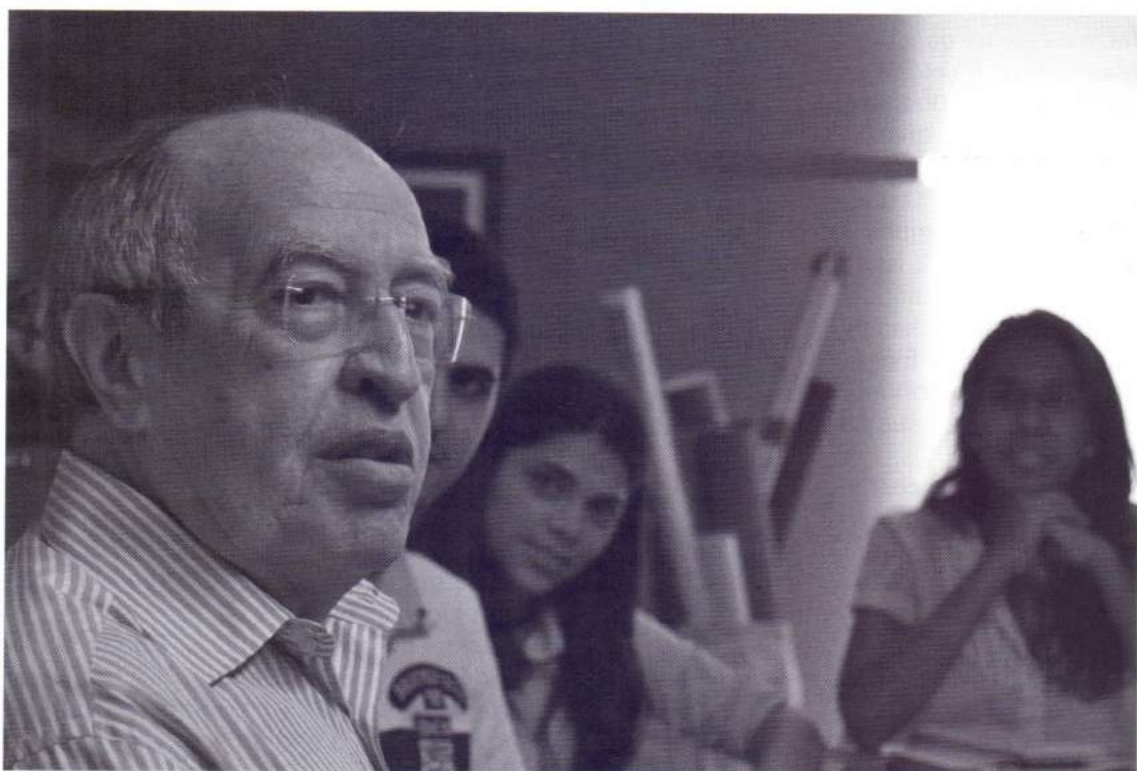
Lúcio – Eu acho que... É uma pergunta difícil de eu responder (*risos*). Não houve aquele estalo: “Ah, eu vou ser político!” Ao longo da

minha carreira, eu já recebi muitas pessoas que são médicos, são jornalistas, são advogados e, um belo dia, chegam aqui para falar comigo que decidiram entrar na política e tal, como se aquilo fosse, de repente, um estalo. E eu sinceramente não sei identificar se houve algum momento (*decisivo*). Não houve (*ênfase*). Foi uma coisa que foi se dando naturalmente. Meu projeto de vida, ainda hoje minha mulher (*Maria Beatriz Rosário de Alcântara, escritora*) me cobra isso, porque o meu projeto era este: ser médico, ser professor da Faculdade de Medicina e fazer produção científica, trabalhos, etc. O que é que aconteceu? Cedo eu me formei (*em Medicina pela Universidade Federal do Ceará, aos 23 anos*), em 1966 fui para São Paulo, voltei em 1968. Em 1971, eu fui ser secretário de Saúde do Estado. Eu acho que aí é que eu comecei a me envolver com a política. Afinal de contas, o meu pai era político, e eu era um jovem médico. Houve até quem censurasse o governador César Cals (*César Cals de Oliveira Filho, conhecido como um dos três “coroneis” que governaram o Ceará durante o regime militar*) por ter me escolhido. Era mais porque eu era escolhido por ser filho de quem era. Acho que daí que eu comecei a me envolver com a política, que é uma coisa que absorve muito, né? A relação com a política é assim: ama ou odeia. A gente vai, e você vai criando laços, vínculos, vai assumindo certas responsabilidades e isso...

Juliana – Mas o senhor brincava de ser político quando era criança.

Lúcio – Era, de fazer discursos, de fazer

A maior dificuldade na preparação da pauta foi a quantidade de material sobre Lúcio. A produção teve de ler inúmeros livros, sites e jornais para colher o máximo de informações, filtrando aquilo que seria importante para a entrevista.



campanha. *sup. de p. 100*

Juliana – O que é que o atraía ali? O senhor achava bonito?

Lúcio – É que a política sempre apaixona muito, não é? Nós tivemos aquela interrupção dos governos militares, mas a política era muito... Envolvia menino, envolvia todo mundo. Ainda hoje. Quantas vezes eu já tive, como candidato, *(de)* receber mães que queriam que eu falasse porque o filho me adorava, gostava de me ver na televisão. A política cria esse laço. E eu, na casa de político, realmente participava, fazia comícios, inventava uns microfones que eram *(feitos)* com uma lata de manteiga, botava um cordão, que era um fio. Mas não era só eu, eram *(também)* os nossos vizinhos ali. Era uma coisa assim.

Pedro – A gente falou bastante da figura do pai do senhor. E, além dele, vários homens da família do senhor fizeram parte, foram figuras importantes na vida pública. Eu andei pesquisando um pouco e descobri que o patriarca da família do senhor *(José da Rocha Mota)* chegou a ser vereador da vila de Fortaleza em 1749, ou seja, há vários anos atrás. E isso foi passando de geração para geração. O senhor é neto do Doca Praíba *(Raimundo Nonato da Silva)*, que também foi uma pessoa importante no clã do Cauípe. O Zeca Praíba, o Jaca Praíba *(José Mota Silva e Joaquim da Mota Silva, respectivamente, foram políticos influentes no Ceará do começo do século XX)*... Eu pergunto pro senhor qual a importância dessa herança política na formação de um homem, de um ser político?

Lúcio – Eu acho que essa herança é, ao

mesmo tempo, uma coisa honrosa e um far-do. Porque você se sente quase que na obrigação de dar continuidade, *(de)* não interromper essa corrente. No meu caso, por exemplo, o meu filho, Leonardo *(conhecido como Leo Alcântara)*, foi deputado *(federal de 2003 a 2010)*, mas eu não movi uma peça para ele entrar na política. Foi uma decisão dele. Pelo contrário! Eu até coloquei... Questionei, *(para)* saber se ele realmente queria, o que é que estava levando ele a ir para a política e tal. Como ele queria, e decidi ser *(político)*, eu realmente fui ajudar. Mas eu não forcei, não fiz nenhum movimento para que ele entrasse na política. Até porque a mãe *(dele)* não queria que ele fosse. Porque a política é uma atividade muito nobre, muito importante do ponto de vista da sociedade, mas é uma atividade muito desgastante, tem momentos muito difíceis. Eu não forcei isso. Mas eu achei bom dar essa continuidade. Mas, como eu digo, é, ao mesmo tempo, uma coisa honrosa porque você vê a sua família envolvida nisso ao longo dos anos... Você *(referindo-se ao Pedro)* foi recuperar lá no século XVIII, não é? Então isso é importante. E não que eu queira dar nisso um caráter oligárquico, de um grupo, *(que pensa)* "nós aqui é que mandamos". Até porque nós não tínhamos esse caráter assim autoritário, oligárquico.

É a contingência, né? Eu *(também)* estava na casa de uma família de médicos. Tinha eu, tinha uma irmã *(Lúcia Alcântara)*, tinha uma prima minha *(Ielda Alcântara)*, cujo pai, irmão do meu pai, morava no Amapá, e ela veio, terminou o Ginásio *(hoje Ensino Fundamental II)*

Em quase todo o tempo em que a produção esteve preparando a pauta, Lúcio e toda a família estavam viajando por causa de um casamento. Por isso, não foi possível realizar uma pré-entrevista com ele e com alguns familiares.



A produção contou com uma grande ajuda na coleta de informações para pauta: a Fundação Waldemar Alcântara, que guarda simplesmente todos os documentos relativos à vida pública de Lúcio e de sua família.

Por causa da pressa, a equipe de produção fez uma visita quase surpresa à Fundação, localizada na antiga casa da família Alcântara, no bairro São João do Tauape. A bibliotecária Telma foi muito solícita e apresentou o local para João Victor e Raiana.

lá, e veio para cá estudar aqui e morava lá em casa, como uma irmã nossa, era estudante de Medicina e se formou. Eu tinha um contexto médico muito importante. Isso, de alguma forma, foi me levando (*para a Medicina*). Mas, antes disso, eu quis ser oficial de Marinha, imagina isso (*risos*)? Isso é um detalhe importante! Eu estava terminando o Ginásio. Naquela época, era o Ginásio e o Científico (*hoje Ensino Médio*), que são os oito anos de hoje. E eu comecei a ter dificuldade, no cinema, de ler as legendas. E o meu pai então (*me*) mandou para um médico, amigo dele, doutor Hélio Góes (*oftalmologista cearense*), e depois ele verificou que eu era míope. Então ele mandou um bilhetezinho – devia ter guardado isso: “Waldemar, o nosso almirante realmente...” (*risos*). Eu tinha já o Manual do Colégio Naval, já ia começar a me preparar, ainda dava para ser fuzileiro naval. Mas eu achei que não valia à pena. Foi a minha primeira opção. Se eu não fosse míope, provavelmente eu, se tivesse passado no exame físico e tudo, teria sido oficial da Marinha.

Nayana – E a Medicina veio como?

Lúcio – Eu acho que uma coisa que me influenciou foi uma leitura. Qual foi essa leitura? Do Cronin. Eu tenho a coleção, deve estar na biblioteca (*biblioteca particular de Lúcio, no Meireles, onde aconteceu a entrevista*). Archibald Joseph Cronin (*escritor nascido na Escócia em 1896*). Era um escocês, médico, foi um grande escritor, (*escreveu*) vários livros, “A Cidadela”, uma série de livros. São livros, muitos deles, sobre a profissão médica. Médicos de mineiros, no auge da mineração de carvão na Inglaterra, na Escócia, no País de Gales; médicos da elite londrina, e com todas essas paixões da profissão, etc. Revendo assim para responder essas perguntas... Eu acho que isso (*a obra de Cronin*) influenciou

“(Meu pai) foi mais importante pelo exemplo, pelas ações, do que pela palavra. (...) Em nenhum momento insistiu nem pra eu ser médico nem pra ser político.”

O que mais impressionou a equipe de produção foi a organização de todo o material da Fundação. Telma contou sobre a mania de Lúcio em guardar tudo: “Se ele recebe um bilhete no meio da rua, ele me pede para arquivar”.

também, e era uma coleção que tinha na Biblioteca do meu pai. Eu acho que eu li praticamente todos os livros dele, todos os livros dessa coleção do Cronin.

João Victor – Depois de não poder ingressar na Marinha, o senhor acabou escolhendo pela Medicina, que, na verdade, era a escolha de grande parte dos seus familiares. Mas o que é que lhe atraía na Medicina, além desse fato de (*ela*) já estar muito presente na (*sua*) vida familiar?

Lúcio – Teve uma outra coisa que foi importante na minha vida também, que foi o fato de ter estudado no Liceu (*Colégio Estadual Liceu do Ceará*). Essa também é uma passagem da minha vida importante, e isso pode também ter influenciado. O que é? Eu estudei o chamado Ginásio e uma parte do chamado curso Primário (*hoje Ensino Fundamental I*) no Ginásio Farias Brito (*atual Colégio Farias Brito, cujo desmembramento deu origem ao Colégio Ari de Sá*), na época. Ali onde ainda hoje é a (*avenida*) Duque de Caxias, esquina da Praça do Carmo (*Centro de Fortaleza*). Os diretores eram amigos de meus pais, que eram doutor Ari de Sá Cavalcante, doutor João César, e era uma escola particular. Os outros (*alunos*) eram filhos de colegas do meu pai, eram amigos, etc. Era uma coisa meio restrita. Quando eu terminei o Ginásio, eu fui para o Liceu. Primeiro eu tive que enfrentar uma seleção, porque o número de vagas era limitado. Eu fui lá e meu pai (*disse:*) “Ó, se quer ir para o Liceu, vai lá, se inscreve”. E ele era político, mas não se meteu nisso. Eu já tive de cair, digamos assim, na “vida real”, sem aquela proteção natural de um meio conhecido e dos seus pais. Passei na seleção, fui para lá, e o Liceu, que era na época um colégio muito bom, um excelente colégio entre os colégios daqui, tinha gente de diversas classes sociais. A minha família não era rica mas era uma família de classe média. Meu pai era médico, era político, diretor e professor da Faculdade de Medicina (*da Universidade Federal do Ceará*). E havia alguns outros também filhos de médico, de militar. Mas havia também pessoas modestas do ponto de vista econômico, do ponto de vista social, gente do interior, que vinha, chegava aqui e ia morar na casa da tia, pegava não sei quantos ônibus para chegar, aquela dificuldade toda. Ainda mais, no último ano do curso Científico, 3º ano, eu fui estudar à noite, para ter o dia todo para estudar para me preparar pro vestibular. Esse caráter, vamos dizer assim, essa coisa heterogênea do ponto de vista social, mas que era um corte na sociedade, ainda se tornou mais clara (*para mim*), porque tinha cabo da Aeronáutica, tinha sargento do Exército, empregado de escritório, enfim. Eu era o que se chama “estudante profissional”, vivia

só para estudar. Eu via esse pessoal chegava cansado de noite, cochilava na aula, dormia, tinha dificuldade por força mesmo da vida que eles tinham. Acho que isso me ajudou muito a formar uma consciência social. Tudo isso eu vou recuperando depois. Na época, essas coisas foram acontecendo naturalmente. Isso eu acho que influenciou muito a minha formação. Ser uma pessoa tolerante, uma pessoa democrática, mais compreensiva com as dificuldades dos outros, entender que a vida não era aquilo no meio onde eu circulava. A vida era uma coisa muito mais abrangente, mais ampla.

Raiana – Doutor Lúcio, outra experiência que o senhor relata como marcante já foi quando o senhor era médico do INPS (*Instituto Nacional de Previdência Social, atual Instituto Nacional de Seguridade Social, INSS*). O senhor fala muito neste livro...

Lúcio – Isso foi uma coisa também... Aí já como médico, formado, eu voltei (*de São Paulo*). O meu primeiro emprego foi, na época, era INPS (*Lúcio trabalhou no INPS em 1968*). Eu trabalhei um ano. Foi uma coisa também muito útil na minha vida.

Raiana – Mas em que sentido essa experiência... Porque o senhor fala que foi uma experiência como cidadão, médico e homem público. Em que sentido, nesse espaço, houve oportunidade para a formação de um homem que está disposto a servir a essa sociedade que o senhor já tinha visto na escola do Liceu, que tinha essa diferença de classes, em que havia pessoas necessitadas? Quando o senhor vai trabalhar no INPS, o senhor depara com outro tipo também de vivência. Como é que isso contribuiu para a sua formação humana e, mais tarde, como homem público?

Lúcio – Olha, isso contribuiu no sentido de eu ter uma ideia mais clara da sociedade, dos problemas que essas pessoas enfrentavam e me sensibilizar para o que eu pudesse fazer... Nessa época, eu não tinha intenção de entrar na política. Estava mais voltado para a minha carreira como médico, como profissional. Então eu fiquei alerta, atento a isso. Não só como médico, mas depois, quando eu ingressei na política, eu tinha essa visão, não é? Uma visão social, mais ampla. Na minha própria casa também, porque a nossa casa tinha um brasão, que está até lá na Fundação (*Fundação Waldemar Alcântara*), que ele (*diz*): “Tenho, em minha casa, um brasão, dentre todos, o mais nobre: receber, sem distinção, tanto o rico como o pobre”, que foi presente de amigos do meu pai, que mandaram vir de Portugal. Mas essa consciência se fortaleceu nesse trabalho que eu tive, com a formação como estudante e, depois, no início da minha vida profissional.

“Gosto de atender a quem procura falar comigo. E isso, às vezes, tem um custo emocional, porque você toma conhecimento de muitos problemas diante dos quais você pouco ou nada pode fazer.”

Roberta – E como a atuação de médico contribuiu para a sua formação como político?

Lúcio – Você, como médico, ainda mais na minha especialidade, que era (*em*) Doenças Infecciosas... Na época, era uma coisa que só dava mais em pobre. Era difteria, era tétano, era calazar, esquistossomose, as chamadas doenças infecciosas e doenças tropicais. Já pela minha própria opção, eu fui lidar com pessoas, a grande maioria, desvalidas economicamente, socialmente. E eu era muito disponível para atender e era bastante responsável no exercício profissional. Isso tudo foi se encaixando, eu nunca forcei nada. As coisas foram acontecendo.

João Victor – O senhor citou agora há pouco que chegou a sofrer preconceito quando o senhor assumiu a Secretaria de Estado porque as pessoas achavam que...

Lúcio – (*Interrompendo*) Até algum colega de vocês mais irreverente chegou a botar o apelido de “Baby Doc” (*risos*), numa alusão ao Haiti (*Jean Claude Duvalier, o Baby Doc, foi um presidente autoritário do Haiti que sucedeu o pai no poder*).

João Victor – Mas é bastante comum filhos de políticos construírem suas carreiras sob a imagem dos pais. O que o senhor...

Lúcio – (*Interrompendo*) É, agora isso, veja bem. Isso pode ser um pontapé inicial. Eu acho que foi também, porque isso influiu, claro. Ele (*Waldemar Alcântara*) era presidente do partido, era senador, naquela composição que o César Cals fez, ele (*Cals*) podia ter optado por outro. O problema não é você receber o primeiro apoio. Todos nós, de alguma forma ou de outra, recebemos. Se

Apenas as clipagens de notícias de jornais que se referem aos Alcântaras ocupam dois grandes armários na Fundação. Além disso, é incontável a quantidade dos mais diversos documentos e objetos guardados ali.

Uma das primeiras dificuldades na produção da pauta foi a de encontrar as pessoas certas para as pré-entrevistas. A equipe de produção não conseguia descobrir quais eram os amigos mais próximos de Lúcio.

Por sugestão de Telma, uma das pré-entrevistas foi realizada com Auxiliadora, a secretária que trabalha com Lúcio há 30 anos, e outra, com o doutor Pedro Henrique Saraiva Leão, que é amigo de infância e ex-cunhado de Lúcio.

vocês amanhã forem trabalhar em um jornal, vai ter aquele editor que vai te dar uma oportunidade, vai te dar uma "ajudazinha", vai te dar uma dica. Isso é da vida. Agora saber se você vai sustentar isso, é outra coisa. Eu, por exemplo, me preocupava muito em (*não*) desmerecer isso, essa confiança, tanto do governador como o nome do meu pai, que também estava em jogo. Se eu fizesse uma besteira, eu ia comprometer o nome dele, enfim.

Raiana – Então o que foi que o senhor fez para se manter? Porque o senhor falou que...

Lúcio – (*Interrompendo*) Trabalho, dedicação, um roteiro de vida, responsabilidade. Nunca fiquei transigindo com princípios fundamentais. Eu procurei sempre trilhar esse caminho.

Mariana – Como o senhor construiu a sua carreira tentando se diferenciar um pouco, conseguir esse perfil do Lúcio e não ficar só na sombra?

Lúcio – É, eu acho que eu consegui muito bem isso, sem romper, sabe?

Mariana – Mas como?

Lúcio – Não foi preciso eu brigar com ele. E nem ele também me cobrou. Porque meu pai era uma pessoa talvez mais conservadora, mas também tinha coisas... Em 2012 é o centenário dele, nós estamos recuperando umas coisas. Ele, senador pela Arena, defendeu a legalização da maconha naquela época, do governo militar e tudo. Hoje, quando o sujeito fala em maconha é um problema, avalie àquela época. Porque ele acreditava nisso! Ele era uma pessoa assim, que também tinha posições. Ele foi chamado de "senador maconheiro" (*risos de todos*). Eu fui construindo isso naturalmente. Nem ele também me cobrava, não me tutelou.

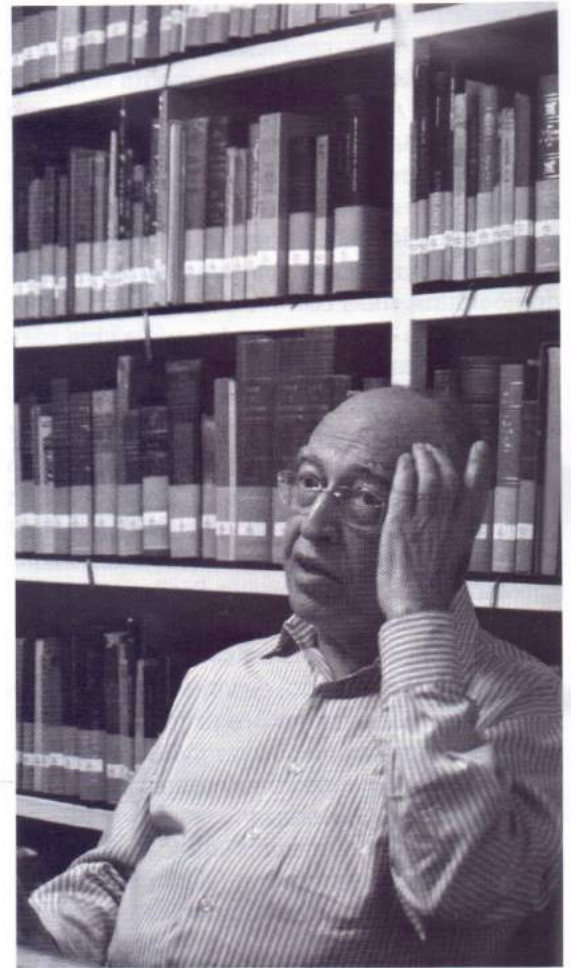
Igor – Mas como o senhor conseguiu se diferenciar dele?

Lúcio – Não sei também se eu consegui. Foi o tempo também em que ele foi saindo. Ele encerrou o governo em março de 1979 e encerrou a atividade política dele.

Mariana – O senhor considera que deu uma continuidade, digamos assim, ao que ele já vinha começando?

Lúcio – Eu acho que sim, mas uma continuidade adequada ao momento que a gente estava vivendo, que era outra coisa. Porque também ele sempre transitou muito bem em todos os grupos. Tinha muitos médicos de esquerda do tempo dele, que eram amigos dele. Porque também ele fez isso, ele tinha a posição dele, mas nunca se valeu disso para perseguir ninguém, para maltratar, para denunciar, para ganhar posição por conta disso. Foi galgando posições quase que consen-

A entrevista com Pedro foi realizada na Academia Cearense de Letras, onde Lúcio também ocupa uma cadeira. Raiana não chegou a tempo para a entrevista, mas a produção ficou ainda um bom tempo na ACL conversando com o jornalista Vicente Alencar.



sualmente. Um pouco também, de alguma forma, (*como foi*) o meu caso. (*Eu*) aparecia como uma solução natural (*nos conflitos*), alguém que conseguia transitar nos diferentes grupos. E se não concordavam totalmente, achavam que eu era capaz de intermediar.

Juliana – O senhor provavelmente pode ter cometido algum erro. O senhor considera que cometeu algum erro?

Lúcio – Ah, devo ter cometido muitos! Certamente que eu cometi. Eu não me lembro de um "mega-erro", mas devo ter cometido erro de percepção. Certamente, em algum momento, eu tomei uma decisão que não era a melhor, eu me equivoquei ou fui mal-informado. O que eu digo que eu nunca cometi foi um erro deliberado no sentido de tomar uma atitude prejudicial a alguém, de alguma forma, fazer um mal a alguma pessoa em decorrência da posição em que eu me encontrava naquele momento e tal. Claro, primeiro, ninguém agrada a todo mundo. E ainda mais na política, na administração (*pública*). Mas eu sempre tive uma preocupação muito grande em fazer esta pergunta: "Onde está o interesse público? Onde está o bem comum? É fazendo assim ou fazendo 'assado'?" Bom, aí é que eu digo. Eu posso ter me equivocado na avaliação. E então eu preferi

errar, talvez, em algum momento por dar o benefício da dúvida a uma pessoa do que...

O mundo da política é um mundo onde há muita deslealdade, há muitos interesses, muito jogo, muita coisa. Mas eu não tinha condição de viver eternamente desconfiado de todo mundo, sem acreditar. Talvez seja uma visão ingênua da política. Mas eu acho que, para eu viver bem, estar tranquilo, eu tenho de estar de acordo com aquilo que eu penso. Claro que, aqui ou acolá, você tem de transigir uma coisa, você não pode ser um intolerante. Mas, de uma maneira geral, eu procurei sempre, vamos dizer assim, ter uma certa coerência para me sentir bem e estar tranquilo. Eu fiz o que eu achava que devia fazer.

Juliana – Mas nesse seu primeiro cargo de secretário de Saúde, pelo fato de o senhor já ter uma certa influência política devido à sua família e à convivência que teve (*com outros políticos*), o senhor acredita que já entrou no cargo com uma visão mais conformista da política ou acredita que tinha uma visão utópica de ainda querer mudar, de fazer diferente?

Lúcio – Não, eu entrei com essa visão, até porque, é uma questão de justiça, primeiro do César Cals, foi uma confiança em mim, né? Eu me formei em 1966 e voltei em 1968 e eu fui montar, instalar e fui o primeiro diretor do Hospital São José, que é o hospital de doenças transmissíveis. Foi uma prova de confiança dele, (*que*) estava montando o secretariado. Eu era um médico que tinha o quê? Vinte e seis anos, 25 anos de idade. Depois eu saí da Secretaria por um problema político, dentro do partido dele com o meu pai e com o senador Virgílio Távora (*Virgílio de Moraes Fernandes Távora, um dos três "coroneis" que governaram o Ceará durante o regime militar*), uma discordância política. Mas eu sempre destaquei isso, que foi uma prova de confiança dele. Eu não vou citar nomes, mas já (*houve*) vários casos aqui, se vocês forem atrás, de filhos de políticos que não deram certo. Por esta ou por aquela razão, entraram, mas não funcionou. Às vezes, tiveram o primeiro mandato mas depois não foram adiante. Então eu sempre destaco isso do César Cals (*a confiança dele em mim*). Segundo: ele era um homem do regime militar, também cometeu erros e coisas próprias da época, de autoritarismo, mas era um homem muito inquieto e muito realizador e fez muita coisa, inovou muito aqui na administração do Ceará. Você pode citar o Centro de Convenções na época, aquela (*antiga*) cadeia pública, (*que ele transformou em*) o Centro de Turismo, o negócio de caju, várias coisas. Foi um homem, nesse sentido, um político

progressista.

Eu estava cheio do ideal de realizar coisas. Para mim, foi um choque muito grande quando eu saí porque, aí sim, foi um corte. Eu estava numa sexta-feira, recebi um chamado para ir no Palácio, ali no Abolição (*Palácio da Abolição, sede do Governo do Estado do Ceará*). Quando eu cheguei lá, umas sete horas da noite, achei que era algum despacho, alguma coisa que o governador estava me chamando. Foi aí (*que*) ele disse: "Olha, não dá mais para continuar com este problema político e tal, então você vai ser exonerado". A conversa deve ter durado dez minutos, acho que nem tanto. Para mim, foi uma coisa muito... Porque até a véspera, nunca ele havia puxado meu tapete. Quer dizer, eu era prestigiado, e levava as coisas tudo adiante. Até a hora de sair, eu fui um secretário com plenos poderes. Isso realmente foi um golpe para mim, porque eu estava fazendo muitas coisas, nós construímos o Laboratório (*Central*) de Saúde Pública (*Lacen*) na época, ali na avenida Barão de Studart (*em Fortaleza*), muitas coisas no interior, etc. Enfim, eu estava totalmente mobilizado para a realização de um programa na área de saúde. Então isso foi um baque que eu senti na época.

João Victor – No início da sua carreira política, o senhor era filiado aos partidos ligados ao regime militar. O senhor se considerava ou já se considerou um político de direita?

Lúcio – Não. Se olhar o meu currículo, minha atuação nos diferentes cargos que eu exerci, eu sempre fui um democrata. Ouso dizer isso. Diferente de muita gente que se diz democrata e, quando assume o poder, é um grande autoritário, não respeita ninguém. Não, eu trabalhei inclusive atendendo as pessoas, mesmo nessa época, que eram de esquerda, que tinham sido cassadas, sempre tiveram interlocução comigo na Prefeitura de Fortaleza (*Lúcio foi prefeito de 1979 a 1982*). Os primeiros instrumentos de participação popular foram criados por mim. O chamado Fórum Adolfo Herbster, por exemplo, era uma coisa que realizava anualmente para discutir uma determinada política pública do município, podia ser a Lei do Uso de Ocupação do Solo, podia ser transporte público... E era chamado todo mundo, inclusive Federação de Bairros e Favelas, associações comunitárias, tudo isso. Fazíamos isso uma vez por ano e com um grande percentual de aproveitamento dessas ideias. O primeiro conselho, que eu criei, do Meio Ambiente, o conselho para analisar os grandes projetos urbanos de impacto na cidade (*Comdema – Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente*), tinha representação da comunidade, tinha tudo isso. Eu tinha uma interlocução

Por conta da viagem em família, foi difícil conseguir entrevistar familiares de Lúcio. Mas por sorte, no dia da pré-entrevista com Auxiliadora na Fundação, estava lá Luíza, a irmã mais velha dele, que conversou com Raiana e João Victor.

Quando a equipe de produção já estava saindo da Fundação, Luíza foi até eles e disse: "Ah, esqueci de dizer uma coisa para vocês: Ele é muito religioso, um santo! Eu digo que ele vai pro céu", o que foi motivo de risadas.

errar, talvez, em algum momento por dar o benefício da dúvida a uma pessoa do que...

O mundo da política é um mundo onde há muita deslealdade, há muitos interesses, muito jogo, muita coisa. Mas eu não tinha condição de viver eternamente desconfiando de todo mundo, sem acreditar. Talvez seja uma visão ingênua da política. Mas eu acho que, para eu viver bem, estar tranquilo, eu tenho de estar de acordo com aquilo que eu penso. Claro que, aqui ou acolá, você tem de transigir uma coisa, você não pode ser um intolante. Mas, de uma maneira geral, eu procurei sempre, vamos dizer assim, ter uma certa coerência para me sentir bem e estar tranquilo. Eu fiz o que eu achava que devia fazer.

Juliana – Mas nesse seu primeiro cargo de secretário de Saúde, pelo fato de o senhor já ter uma certa influência política devido à sua família e à convivência que teve (*com outros políticos*), o senhor acredita que já entrou no cargo com uma visão mais conformista da política ou acredita que tinha uma visão utópica de ainda querer mudar, de fazer diferente?

Lúcio – Não, eu entrei com essa visão, até porque, é uma questão de justiça, primeiro do César Cals, foi uma confiança em mim, né? Eu me formei em 1966 e voltei em 1968 e eu fui montar, instalar e fui o primeiro diretor do Hospital São José, que é o hospital de doenças transmissíveis. Foi uma prova de confiança dele, (*que*) estava montando o secretariado. Eu era um médico que tinha o quê? Vinte e seis anos, 25 anos de idade. Depois eu saí da Secretaria por um problema político, dentro do partido dele com o meu pai e com o senador Virgílio Távora (*Virgílio de Moraes Fernandes Távora, um dos três "coroneis" que governaram o Ceará durante o regime militar*), uma discordância política. Mas eu sempre destaquei isso, que foi uma prova de confiança dele. Eu não vou citar nomes, mas já (*houve*) vários casos aqui, se vocês forem atrás, de filhos de políticos que não deram certo. Por esta ou por aquela razão, entraram, mas não funcionou. Às vezes, tiveram o primeiro mandato mas depois não foram adiante. Então eu sempre destaco isso do César Cals (*a confiança dele em mim*). Segundo: ele era um homem do regime militar, também cometeu erros e coisas próprias da época, de autoritarismo, mas era um homem muito inquieto e muito realizador e fez muita coisa, inovou muito aqui na administração do Ceará. Você pode citar o Centro de Convenções na época, aquela (*antiga*) cadeia pública, (*que ele transformou em*) o Centro de Turismo, o negócio de caju, várias coisas. Foi um homem, nesse sentido, um político

progressista.

Eu estava cheio do ideal de realizar coisas. Para mim, foi um choque muito grande quando eu saí porque, aí sim, foi um corte. Eu estava numa sexta-feira, recebi um chamado para ir no Palácio, ali no Abolição (*Palácio da Abolição, sede do Governo do Estado do Ceará*). Quando eu cheguei lá, umas sete horas da noite, achei que era algum despacho, alguma coisa que o governador estava me chamando. Foi aí (*que*) ele disse: "Olha, não dá mais para continuar com este problema político e tal, então você vai ser exonerado". A conversa deve ter durado dez minutos, acho que nem tanto. Para mim, foi uma coisa muito... Porque até a véspera, nunca ele havia puxado meu tapete. Quer dizer, eu era prestigiado, e levava as coisas tudo adiante. Até a hora de sair, eu fui um secretário com plenos poderes. Isso realmente foi um golpe para mim, porque eu estava fazendo muitas coisas, nós construímos o Laboratório (*Central*) de Saúde Pública (*Lacen*) na época, ali na avenida Barão de Studart (*em Fortaleza*), muitas coisas no interior, etc. Enfim, eu estava totalmente mobilizado para a realização de um programa na área de saúde. Então isso foi um baque que eu senti na época.

João Victor – No início da sua carreira política, o senhor era filiado aos partidos ligados ao regime militar. O senhor se considerava ou já se considerou um político de direita?

Lúcio – Não. Se olhar o meu currículo, minha atuação nos diferentes cargos que eu exerci, eu sempre fui um democrata. Ouso dizer isso. Diferente de muita gente que se diz democrata e, quando assume o poder, é um grande autoritário, não respeita ninguém. Não, eu trabalhei inclusive atendendo as pessoas, mesmo nessa época, que eram de esquerda, que tinham sido cassadas, sempre tiveram interlocução comigo na Prefeitura de Fortaleza (*Lúcio foi prefeito de 1979 a 1982*). Os primeiros instrumentos de participação popular foram criados por mim. O chamado Fórum Adolfo Herbster, por exemplo, era uma coisa que realizava anualmente para discutir uma determinada política pública do município, podia ser a Lei do Uso de Ocupação do Solo, podia ser transporte público... E era chamado todo mundo, inclusive Federação de Bairros e Favelas, associações comunitárias, tudo isso. Fazíamos isso uma vez por ano e com um grande percentual de aproveitamento dessas ideias. O primeiro conselho, que eu criei, do Meio Ambiente, o conselho para analisar os grandes projetos urbanos de impacto na cidade (*Comdema – Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente*), tinha representação da comunidade, tinha tudo isso. Eu tinha uma interlocução

Por conta da viagem em família, foi difícil conseguir entrevistar familiares de Lúcio. Mas por sorte, no dia da pré-entrevista com Auxiliadora na Fundação, estava lá Luíza, a irmã mais velha dele, que conversou com Raiana e João Victor.

Quando a equipe de produção já estava saindo da Fundação, Luíza foi até eles e disse: "Ah, esqueci de dizer uma coisa para vocês: Ele é muito religioso, um santo! Eu digo que ele vai pro céu", o que foi motivo de risadas.

A equipe de produção queria muito conversar com um especialista em política antes da entrevista, por isso procurou alguns historiadores e jornalistas, mas nenhum deles teve disponibilidade de tempo.

muito ampla, nunca me valia disso para perseguir ninguém, para fazer qualquer mal a alguém. Depois eu estive na Constituinte (*Assembleia Constituinte realizada entre 1987 e 1988, após a queda do regime militar*), onde nós tivemos uma atuação bastante ativa, inclusive com posições bem avançadas do ponto de vista social na nova Constituição.

Roberta – E outro fato que eu conversei com o meu avô, ele era presidente de uma escola de samba aqui de Fortaleza, a Girassol (*fundada em 1979, desfilou no carnaval durante as décadas de 1980 e 1990*), e ele estava me contando...

Lúcio – Como é o nome do teu avô?

Roberta – É Fran Tavares. Eu até trouxe a revista e tem o senhor aí também (*Roberta entrega a Lúcio a revista com uma foto dele*). Ele falou que, no início dos anos 1980, o senhor participou ativamente do carnaval de Fortaleza.

Lúcio – É verdade.

Roberta – E até hoje, (*o senhor*) é lembrado por eles, pelos carnavalescos, devido a esse fato, pelo excelente carnaval de rua. E isso coincidiu ainda na ditadura militar. O senhor não se sentia limitado ou pressionado por participar de movimentos populares nessa época?

Lúcio – Não, eu na verdade nunca tive... Não me lembro de ter tido assim nenhuma pressão em cima de mim para fazer alguma coisa com que eu não estivesse de acordo. Eu considero que eu tive um grau de liberdade muito bom na administração.

E outra: eu, por exemplo, quando eu era deputado, lembro da votação para a eleição direta (*votação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira em 1984, resultado do movimento Diretas Já, que propunha eleições para Presidente*). Eu era do partido do governo (*PDS, Partido Democrático Social, que substituiu a Arena em 1980 após o fim do bipartidarismo*). O Presidente da República era o João Figueiredo (*João Baptista Figueiredo, último presidente do regime militar*). E eu, junto com outros colegas, criei um grupo dentro do partido "pró-diretas", para a eleição direta, que evidentemente o governo não queria na época.

Eu me lembro que eu fiz uma viagem com a família para ir às cidades históricas de Minas (*Gerais*) na Semana Santa. Quando eu cheguei em casa, um domingo à tardinha, me telefonou o ministro Leitão de Abreu (*João Leitão de Abreu, ministro-chefe da Casa Civil de 1981 a 1985*), que era o chefe da Casa Civil e era um homem de muita autoridade, uma pessoa de direita, um senhor já com uma certa idade. E (*disse que*) o presidente Figueiredo gostaria de falar comigo, (*per-*

guntou) se eu tinha alguma dificuldade, se eu aceitava ir lá numa audiência com ele. (*Eu disse:*) "Não, de maneira nenhuma, ministro. Se o presidente chama, eu irei atendê-lo, não tenha dúvida". E realmente eu fui. O Figueiredo era grosso que só! Eu cheguei lá e ele disse: "Olha, mas como é, o senhor é a favor de eleição direta? Isso é um absurdo! Quem vai ganhar esta eleição aqui é o Brizola (*Leonel de Moura Brizola, fundador do Partido Democrático Trabalhista e opositor do regime militar*) e isso aqui vai virar uma anarquia!" Eu digo: "Ó, presidente, eu lhe peço licença mas eu discordo. Se tiver de ser o Brizola, que seja! Se o povo escolher, nós não podemos ficar nessa situação, temos que voltar e tal". Ele engrossou lá e ficou danado, atacou a imprensa também, me lembro bem. Enfim, foi uma reunião muito tensa, mas eu mantive meu ponto de vista. Vários outros que ele chamou mudaram.

Então eu sempre tive um cuidado de ir até onde eu posso ir e (*que*) não recue, porque é muito ruim, eu sempre achei isso uma coisa muito negativa pro político, pra imagem do político, estar recuando. Se não pode assumir, só vá até onde você sustente. Eu exerci cargos durante esse período mas procurei manter uma postura que amanhã eu não tivesse que me arrependar ou me envergonhar disso.

Juliana – Doutor Lúcio, o senhor falou que não se considera um político de direita, mas sim um democrata. Mas o senhor foi integrante do PFL e do PSDB (*O Partido da Frente Liberal, atual Democratas, foi fundado em 1985 por dissidentes do PDS e o Partido da Social Democracia Brasileira foi fundado em 1988 pelo grupo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso*). O que, na prática, diferencia um democrata de um político de direita?

Lúcio – Eu acho o seguinte. Primeiro, eu acho que tem político de direita que é democrata. Até eu quero deixar bem claro isso. Políticos que respeitam a opinião do outro, que lutam pelas suas ideias num ambiente democrático claramente. E ninguém tem o privilégio da verdade, de ser o detentor único da verdade. A verdade, às vezes, está um pouco com você, com ele, comigo. Não há um monopólio da verdade. Porque você veja o seguinte: essas barreiras ideológicas, de alguma maneira, foram se esmaecendo, foram ruindo ao longo do tempo. O maior símbolo disso é a queda do Muro de Berlim (*fato ocorrido em 1989 que marcou a reunificação da Alemanha após o fim do regime comunista*). O que eu acho é que o que distingue um político do outro é a sensibilidade social, é a forma como ele, vamos dizer assim, se iden-

A historiadora Adelayde Gonçalves sugeriu à produção que procurasse algum cientista político. Na mesma hora, João Victor e Raiana foram para o bloco das Ciências Sociais tentar conseguir o contato de algum professor.



Os colegas pediram uma indicação para o chefe do departamento de Ciências Sociais da UFC, Valmir Lopes. O professor conversou um pouco com a equipe sobre Lúcio e sugeriu uma pré-entrevista com a professora Maria Auxiliadora Lemenhe.

tifica com essas questões da desigualdade social, uma certa empatia com os grupos minoritários, com mecanismos democráticos, que precisam ser estabelecidos, de participação, de controvérsias.

Agora você veja o seguinte: muitos políticos são chamados de esquerda – e nós temos aqui no Brasil isso bem claro – e assumiram depois posições que são claramente de direita ou conservadoras, não vou nem chamar de direita. São posições conservadoras que assumiram em função da realidade econômica, da realidade política, da realidade social. Era muito fácil na época do governo militar porque era “preto e branco”. E agora, que não é só “preto e branco”? O próprio Lula (*Luís Inácio Lula da Silva*) deu uma declaração (*dizendo*) que não era de esquerda. A coisa ficou muito mais complexa, o matiz ideológico está muito menos nítido.

Raiana – E o senhor? Em meio a esse momento, que é essa coisa da ideologia nesse matiz que o senhor falou, quais são os princípios ideológicos que guiam o político Lúcio Alcântara?

Lúcio – Olha, princípios ideológicos... Acima de tudo, o espírito democrático. Porque, se você é um democrata... Um dia desses, eu estava conversando numa entrevista que eu fiz numa televisão, estava lá um advogado, que era funcionário da Assembleia (*Legislativa do Ceará*), e ele disse: “Olha, eu não sou uma pessoa que fica elogiando os outros e tal”. Ainda mais, eu agora, que não tenho cargo (*público*) nenhum, então ninguém pre-

“Não houve aquele estalo: ‘Ah, eu vou ser político!’ (...) Meu projeto era este: ser médico, ser professor da Faculdade de Medicina e fazer produção científica...”

cisa ficar com a preocupação de me agradar. Ele disse: “Mas, na Assembleia, há um consenso de que o seu governo foi um governo altamente democrático”. Porque eu não discriminei, eu não discrimino, eu procuro entender a posição do outro, procuro ser honesto naquilo que eu digo, até o que eu posso fazer, o que eu não posso... Agora, eu estou convencido de que ninguém faz curso de democracia. Eu acho que hoje isso é muito da índole da pessoa. O que eu sempre procurei foi isto: ter um comportamento democrático que me deixe confortável no rela-

A professora abriu as portas da casa dela para conversar com João Victor e Raiana. Ela explicou um pouco sobre a política cearense a partir de suas pesquisas, cujo principal assunto é o ex-governador Tasso Jereissati.

Quando a turma foi informada por e-mail que a pauta seria a mais extensa por causa da quantidade de informações, Juliana comentou: "Imaginei 100 páginas de clipping!". Depois de muita filtragem, a pauta fechou em 79 páginas!

cionamento pessoal e, em larga escala, com a sociedade.

Pedro – A gente está falando um pouco das características do político Lúcio Alcântara, e muitos denominam como uma característica primordial do senhor o espírito conciliador. O senhor se considera um político conciliador?

Lúcio – Considero. Eu sempre tento encontrar um denominador comum. Não sou adepto da radicalização. Procuro chegar a um meio termo, ceder (*ênfase*), que é outra coisa que as pessoas têm dificuldade, ceder um pouco... Eu acho que esse rótulo eu aceito. (*risos de todos*) Embora eu já tenha tomado algumas... Porque, na minha mesa, até tinha uma frase, que eu acho que está até ali, atrás dessa muralha chinesa (*aponta para um quadro chinês na estante*)...

Juliana - Aqui? (*tira o quadro chinês para ver o que está atrás*).

Lúcio - É. Estava lá no meu birô quando eu era governador. (*Lê a frase escrita em latim no quadro da estante:*) "Fortiter in re, suaviter in modo". (*Traduz:*) "Forte nas ações, mas suave na maneira de dizer". Então não precisa estar batendo na mesa, xingando ninguém. Eu penso assim, acho que o certo é esse. Como eu fiz com o Figueiredo. Eu podia ter dito: "Ministro, eu não vou não porque eu já tenho minha posição". O presidente chamou? Pronto, vou lá! Por exemplo, ser pela eleição direta quando eu era do partido do governo... Eu tomei a posição! Não fui xingar o governo, não fui brigar. Eu acho que o certo é isso. E outras atitudes que nós tomamos aqui. Por exemplo, (*na*) eleição do Lula contra o Collor, (*Fernando Collor de Melo, presidente do Brasil de 1990 a 1992, quando venceu Lula nas eleições de 1989*) (*durante*) segundo turno, eu era do PDT (*Partido Democrático Trabalhista, fundado por Leonel Brizola*) e apoiei o Brizola, que não passou pro segundo turno. O Brizola ligou para mim e pediu para eu assumir aqui a responsabilidade de organizar um comício do Lula. Eu (*disse:*) "Pois não", aceitei, na época com o João Alfredo (*hoje vereador pelo PSOL, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Ceará na década de 1980*), com o Geraldo Accyoli (*hoje coordenador de Projetos Especiais, Relações Institucionais e Internacionais da Prefeitura de Fortaleza*), e organizamos... Talvez foi o maior comício que houve aqui em Fortaleza. (*Foi*) no dia daquele debate na televisão entre o Lula e o Collor, o da Globo, quando o Lula realmente ficou mal colocado, a edição do debate... Pois bem, eu fui pra frente, botei minha cara... Mas nessa época o Lula ainda era (*tido como*) um demônio – para vocês te-

rem uma ideia. E eu tinha sido secretário do César Cals, tinha sido secretário de Saúde do Adauto Bezerra (*José Adauto Bezerra, governador do Ceará de 1974 a 1978, também conhecido como um dos "coronéis"*), e prefeito do Virgílio (*Távora*). Eu sou o único aqui no Ceará que trabalhou com os três coronéis. Isso causou um grande mal-estar aqui (*com*) empresário, todo mundo... Então eu assumi, fiquei, fomos lá. Sabia que o PT (*Partido dos Trabalhadores*) também me via cheio de desconfiança. Quem foi arranjar ônibus fui eu, quem foi arranjar palanque, quem foi arranjar o gerador, com medo de que cortassem a energia, fui eu. E fui lá pro palanque.

Eu sempre procurei tomar uma posição, mas agir com maneira suave. A medida pode ser enérgica, mas não precisa você insultar os outros, nem ofender ninguém, nem ir às vezes naquele ponto que você sabe... A pessoa é vulnerável. Meu negócio é democracia, respeitar os outros, a opinião dos outros, ter respeito por isso, ouvir as partes, a capacidade de ouvir...

Juliana – Mas, doutor Lúcio, se apoiar o Lula ia gerar um mal-estar entre seus colegas e apoiadores, qual era o seu interesse político?

Lúcio – (*Pausa*) Era coerência. Porque eu estava no PDT... (*E*) eu fui colega do Collor, (*Fernando Collor de Mello*) eu sabia o que era o Collor.

Juliana – Mas não seria incoerência, (*se*) o senhor foi colega do Collor e logo depois...

Lúcio – Não, colega assim, deixa eu explicar (*risos*). Eu era prefeito de Fortaleza e ele era prefeito de Maceió. A gente tinha reuniões de prefeitos do Nordeste com uma certa regularidade. Ele era o último a chegar, era o primeiro a sair, era sempre aquele tipo assim... Depois eu fui colega dele como deputado federal. Então eu não acreditava no Collor. Eu achava que ele não tinha equilíbrio, era uma pessoa muito oportunista. Ele era o primeiro que saía para dar uma entrevista, dizer uma coisa bem bombástica da reunião. Era um midiático! E votei e trabalhei pelo Brizola, que só por pouco não foi para o segundo turno. Eu acho que, naquela época, o Brizola teria sido melhor para o Brasil do que o Lula. O Lula daquela época era diferente do Lula de 2002. Mas o que é que eu ia fazer? Porque, no segundo turno, o Collor eu não queria. (*Eu*) estava no PDT, e fomos apoiar o Lula. O PT aqui não tinha estrutura de nada, e o governador (*Leonel Brizola*) liga para mim, me pede para eu fazer isso (*o comício*). E eu realmente enfrentei, e fizemos, foi um grande comício.

João Victor – Doutor Lúcio, a sua entrada no PDT se deu logo após a saída do PFL. Mas por que essa mudança tão radical?

Primeiramente a entrevista estava marcada para o dia 29 de novembro, na biblioteca particular do entrevistado. Por causa de uma audiência de que ele deveria participar, o encontro foi remarcado para o dia 1º de dezembro.

➤ **Lúcio** – Porque eu assumi uma série de posições na Assembleia Nacional Constituinte que desagradaram ao PFL, e havia posições do PFL com as quais eu não concordava. Criou-se um clima muito ruim. Eu tinha de sair porque não era mais possível, eu era inclusive perseguido dentro do partido, não me davam oportunidade. Principalmente na Câmara (*dos Deputados*).

João Victor – Mas por que se deu a escolha pelo PDT?

Lúcio – Porque era a escolha mais viável. No PT, eu não tinha chance. No PMDB (*Partido do Movimento Democrático Brasileiro, antigo MDB, que foi o partido de oposição ao regime militar com a instituição do bipartidarismo*), eu não via muita diferença do que era (o PDT). Era uma “guinada à esquerda”, vamos chamar assim. Embora numa esquerda em que o Brizola conseguia permear outros setores da sociedade, a classe média. Ele parecia radical em umas coisas mas ele, na verdade, transitava também melhor em áreas onde eu tinha penetração, onde eu tinha respaldo também.

Nayana – Doutor Lúcio, o senhor se acha um político coerente?

Lúcio – Olha, coerência 100% em política é difícil. Se você for olhar a minha carreira, certamente vai encontrar momentos em que eu não fui totalmente coerente, ou não fui coerente. Porque a política tem um lado pragmático. O que você precisa é se colocar em um determinado contexto. Eu acho que essa coerência total é incompatível com a política. Mas tem um limite. Você não pode é perder o respeito das pessoas. Eu já tive muitos adversários, pessoas que, às vezes, por essa ou por aquela razão nem gostam de mim, mas me respeitam. Eu já fico feliz, porque é uma coisa boa. O pior é quando você perde o respeito. Então há limites. A política tem uma certa faixa em que você pode atuar, mas não pode é ultrapassar, o que faz você perder o respeito das pessoas, ser uma pessoa que não merece consideração, que perde espaço porque não tem uma boa imagem. Eu sempre me preocupei com a minha imagem como homem público, como político, porque eu acho que é o único patrimônio que eu tenho.

Hoje em dia, você tem muito empresário na política, ou então a pessoa é sindicalista, ou é radialista... E eu nunca tive estrutura econômica. Muitas vezes, diziam que eu não podia ser candidato porque eu não tinha dinheiro. Isso era muito comum. E eu realmente não tinha! Eu não sou pobre mas eu sou uma pessoa de classe média e vivo de salário. O que acontecia, volto a repetir algumas vezes, é que eu aparecia como uma solução

natural às vezes até dos conflitos dentro do partido, de grupos ou de tendências, e eu surgia como aquele nome que conciliava, que procurava...

Raíssa – O senhor acha que essa característica do senhor de ser um político discreto, de certa forma, não impediu o senhor de tomar proporções maiores, ter um destaque maior? É uma característica que o senhor tem por receio de manchar essa herança da sua família ou é realmente parte da sua personalidade?

Lúcio – Não, é parte da minha personalidade! E, como em tudo na vida, essa característica, em certos momentos, foi boa e, em outros, não.

Raíssa – Em que momentos foi boa e em que momentos foi ruim?

Lúcio – Não sei, assim... Momentos como esse, em que eu surgia como a solução natural de consenso (*foi boa*), e talvez em outros momentos em que eu devesse ter rompido (*foi ruim*). Por exemplo, (*em*) um episódio relativamente recente, muita gente queria que eu tivesse rompido com o Tasso (*Tasso Ribeiro Jereissati, ex-governador e ex-senador do Ceará*) logo no primeiro ano do (*meu*) governo (*Lúcio governou o Ceará de 2003 a 2006*), no segundo. Já eu não pensava assim. Por quê? Quando as pessoas perguntam, eu digo: “Olha, eu, se eu não tivesse tido o apoio do Tasso...” (*Então questionam:*) “Ah, mas o senhor acha que foi importante? O senhor já era um nome...” Eu digo: “Olha, eu, se não tivesse recebido o apoio dele, não teria sido nem candidato”, reconhecendo a importância que ele teve para a minha chegada ao governo. E conseqüentemente eu acho que eu devia ser leal, claro, fazendo no governo o que achasse que devia fazer, mas devia ser leal a alguém que foi decisivo para minha chegada ao governo.

Ao mesmo tempo, isso me dá o direito de fazer outras críticas a ele. Naquele episódio de 2006 (*refere-se à recusa de Tasso em apoiá-lo à reeleição*), eu acho que ele foi totalmente injusto, agiu de uma maneira descabida, até desleal. Então eu procuro sempre pesar essas coisas. Isso na política talvez não seja bom. Política é paixão, política é muito emoção. A razão nem sempre convive bem na política. Mas eu sou assim. Eu acho que, de certa forma, isso é um traço... Não vejo isso como uma... Como eu te diria? Como eu querendo me colocar numa posição superior. Eu acho que isso é um traço do intelectual na política. Que o intelectual ele sempre sopesa melhor as coisas, vê onde é que está a verdade, pelo menos a tentativa de buscar (*a verdade*). Eu acho que o intelectual tem essa preocupação de examinar, de analisar,

A biblioteca de Lúcio, local onde foi realizada a entrevista, fica em frente ao prédio onde ele mora, no Meireles. Segundo Telma, que também trabalha lá, “são quatro salas em que não cabe mais nenhum livro”.

Igor, João Victor e Ronaldo foram os primeiros a chegar na biblioteca, cuja porta estava trancada. Apesar de várias tentativas em chamar alguém, ninguém atendeu. Telma estava trabalhando no subsolo, por isso não escutou o barulho.

Enquanto estavam esperando, eles viram Lúcio entrando em casa. O entrevistado acenou, e João Victor foi falar com ele. Lúcio admirou-se porque os entrevistadores chegaram antes do horário e mandou um funcionário para abrir a porta.

de se deter. E a política, muitas vezes, é emoção. Você (*o político*) não está querendo saber se aquilo é daquele jeito. Você (*o político*) quer dizer que é daquele jeito, porque, com isso, você atinge certas massas, certos setores, etc. Eu sempre fui assim (*conciliador*). Às vezes, as pessoas acham que isso é um traço de indecisão. Talvez seja, mas é a preocupação em ser justo, em saber onde está a verdade, em ser razoável nas coisas. Quando eu falo isso do intelectual, não é como soberba, querendo dizer que eu sou superior aos outros, não é isso. É que quem tem uma formação mais intelectual sofre um pouco na política por causa dessas coisas.

João Victor – O senhor falou que foi incentivado, já no início do seu governo, a romper com o Tasso. Mas que motivos o senhor teria para romper com ele já naquela época?

Lúcio – Não, não, veja bem. Essas, essas... Isso são pessoas, às vezes, analisando depois porque... Quando eu digo (*que é*) logo no início, não é bem no início, mas... (*pausa*) Quando ia se configurando essa situação dos irmãos Ferreira Gomes (*Cid e Ciro Ferreira Gomes, ex-aliados de Tasso*) etc, que parecia que o Tasso estava em acordo com eles, (*dizem*) que (*por*) isso eu deveria ter rompido com ele, ter logo estabelecido meu campo, enfim. Mas eu achei isso também, olha, eu pertencço a um grupo político, eu fui eleito com o apoio desse grupo político. Naquilo que não comprometa ética e moralmente a mim e ao meu governo, eu vou ser leal. Daí eu vou lhe dar um exemplo por causa disso. Eu peguei o Estado numa péssima (*ênfase*) situação financeira. Não é que tenha havido roubo do meu antecessor, não era desonestidade, não. Por uma série de fatores, a situação do Estado era péssima. Todo mês, diziam que eu ia atrasar o salário do funcionalismo, porque a situação era muito ruim. Eu não fui acusar (*o Tasso*), porque eu achei que não era justo. Se eu fui eleito com o apoio (*dele*), como é que agora eu vou me voltar contra esse grupo? Eu fui procurar resolver e resolvi, porque entreguei o governo muito melhor do que eu recebi. Mas eu paguei um preço por isso. Eu tive de tomar uma série de medidas, tive de fazer uma série de ajustes no Estado. E mais: com uma situação de que o Presidente da República era do PT, o Lula. Se lembra que ele passou aqui na véspera da eleição e fez um comício, um movimento na Praça do Ferreira? E a minha maioria sobre o José Airton (*José Airton Cirilo, então candidato pelo PT*) foi mínima, muito pequena. Então, eu achei que eu tinha de procurar resolver o problema e resolvi realmente. Mas é como disse um amigo meu:

“Você só pode fazer seu governo nos dois últimos anos”. Nesse sentido, muitos achavam que eu devia dizer, que devia fazer isso (*romper com o Tasso*).

Raiana – Doutor Lúcio, o senhor já ocupou vários cargos políticos importantes, como o senhor estava falando a sua trajetória no governo, já foi senador (*de 1995 a 2002*), já foi prefeito. Mas qual o senhor considera que foi a sua maior realização como um político?

Lúcio – Olha, eu gostei muito de ser prefeito. Porque você tem uma proximidade maior com a população. A sua capacidade de resposta é também maior. Claro, (*ser*) governador, quem é que não quer governar o seu Estado? Mas o cargo de prefeito, para mim, foi um cargo que me deu muita satisfação no que eu pude fazer, no que eu pude realizar, deixar um marco na cidade.

Raiana – O senhor considera que esse foi o seu melhor momento na política?

Lúcio – Não, eu não sei, assim... Acho difícil dizer isso. Acho que o momento do Senado também foi um momento bom, importante. Mas eu sempre procurei... Se você fosse lá no Senado, conversasse com qualquer senador lá, quase todo mundo só estava pensando em voltar a ser governador ou ser governador um dia. E eu realmente, por exemplo, no Senado, que é um mandato legislativo, eu vivia muito satisfeito, feliz, trabalhava. Meu pai costumava dizer que, ali no Senado, você podia chegar lá e, se quisesse, não fazer nada do primeiro ao último dia, (*e*) não acontecia nada. Mas se você quisesse trabalhar vinte e quatro horas por dia ainda era pouco. É o que eu digo também. Tem muita gente que só quer o Executivo. Quando vai pro Legislativo, vai para não ficar sem mandato, mas é infeliz lá e não dá conta do recado. Eu não digo que teve assim um momento que eu considero o maior momento. De uma maneira geral, todos esses cargos para mim foram muito honrosos e eu me senti bem, trabalhei muito. Mas eu dava um destaque no Executivo a esse cargo de prefeito porque foi um momento interessante da minha vida.

Pedro – Já que a gente está falando de bons momentos, no primeiro discurso oficial como candidato ao governo em 2002, o senhor revelou que ser governador do próprio Estado era um grande sonho. E agora, depois de tantos anos, como é que o senhor avalia? O senhor conseguiu cumprir, completar esse sonho?

Lúcio – Consegui! Eu inclusive, já quando foi (*a eleição*) do Gonzaga Mota (*Luiz de Gonzaga Fonseca Mota foi governador do Ceará em 1982 pelo PDS*), o meu nome foi falado pra ser governador. O meu nome surgia de

A biblioteca é um espaço bem aconchegante. É o local onde Lúcio costuma marcar suas reuniões. Além dos livros, a biblioteca guarda diversos objetos pessoais, como quadros, porta-retratos e objetos comprados no exterior.

vez em quando. Tinha essa expectativa. Eu não era, vamos dizer assim, obcecado. Mas eu tinha esse desejo, esse anseio de ser (*governador*). Isso foi uma realização pra mim. Eu me considerava preparado para exercer o cargo. Exerci num momento difícil, não era fácil. Eu tinha uma oposição muito atuante na Assembleia. A imprensa também era muito vigilante, muito ativa em relação ao meu governo. Mas eu considero que eu cumpro o meu papel de maneira correta. Eu coloco a cabeça no travesseiro e durmo tranquilamente. Acho que inclusive fizemos coisas muito importantes, que precisavam de coragem, de decisão pra fazer. Porque isso tudo, esses cargos todos também têm muito a ver com o contexto em que você está. O contexto, às vezes, é mais favorável, às vezes, é menos favorável. Então há o imponderável também dessas coisas todas.

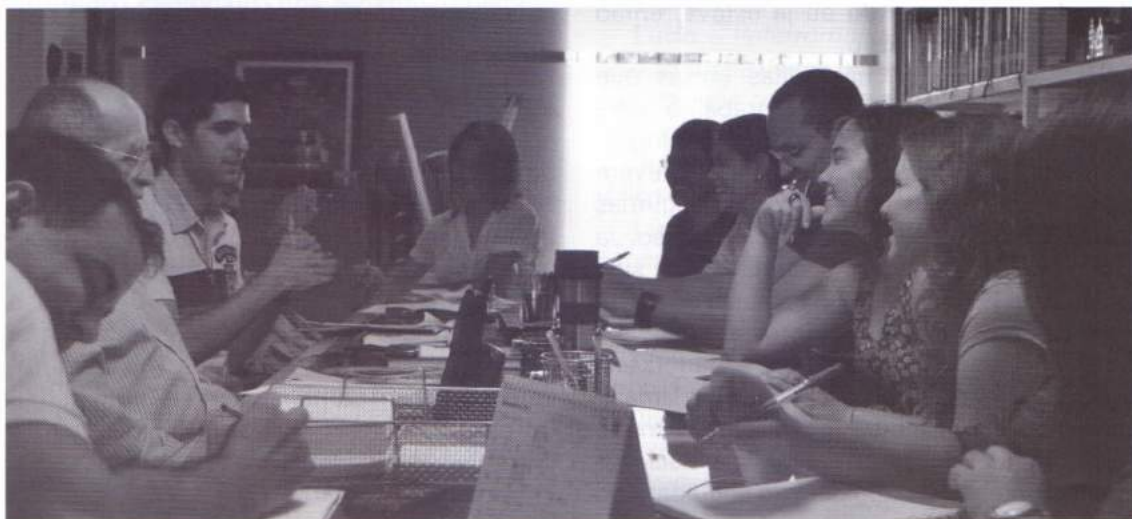
Ranniery – Doutor Lúcio, o senhor fala que um momento marcante foi ser prefeito de Fortaleza. Muita gente também elogia a sua gestão como prefeito. Mas, mesmo assim, logo depois, o senhor acabou perdendo as eleições diretas (*em 1985 e 1992*). Como governador, foi mais ou menos a mesma coisa: o senhor foi governador do Estado, foi eleito, teve uma gestão também elogiada, e, logo em seguida, também perdeu as eleições para governador (*em 2006 e 2010*). Como é que o senhor avalia essa questão da derrota? O senhor que passa essa questão do espírito democrático, de res-

peitar a opinião dos outros...

Lúcio – Olha, é o seguinte: uma coisa que eu fazia toda eleição, mesmo quando eu perdia... A última que eu não fiz foi nessa de governador (*em 2010*). Eu fui o primeiro político aqui que fez isto: outdoor agradecendo a população. Porque ninguém tem obrigação de votar em você. Pessoas votavam, então (*eu digo*) "muito obrigado" e tal. Aquela eleição de prefeito (*em 1985*) era impossível eu ganhar. Porque era a primeira eleição direta depois do regime militar, dos governos militares. Por melhor que eu tenha sido, e eu acho que eu fui um bom prefeito, eu era o chamado "prefeito biônico", um representante daquilo que estava terminando. Nós estávamos em plena (*Assembleia*) Constituinte. Era impossível! Mas o partido precisava ter um candidato, queria ter um candidato. Eu fui. E outra coisa: muita gente diz: "Ah, porque o Lúcio é um político medroso, o Lúcio é um político indeciso". Nenhum político disputou tantas eleições num determinado espaço de tempo como eu. Diabo de medo é esse? Eu fui nessa eleição do ano passado, era uma eleição impossível (*ênfase*)! Eu podia ter sido deputado federal, possivelmente teria sido eleito. E era até o meu primeiro projeto. Por que eu fui candidato a governador numa eleição impossível? Por quê? Eu achava que era uma vergonha para o Ceará, era um desrespeito até para o povo, (*porque*) não tinha um candidato para se opor ao governador

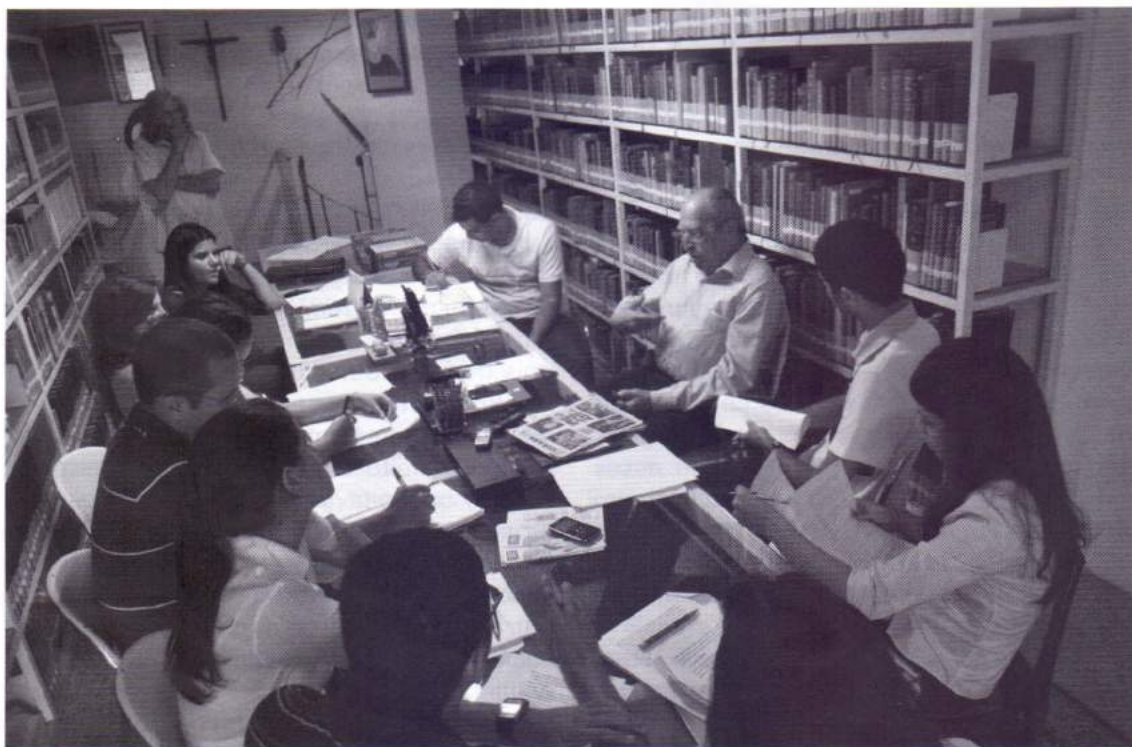
Roberta foi a última a chegar para a entrevista. Ela chegou pontualmente no horário de começar, às 15h, quando todos os colegas já estavam posicionados.

"Essa herança é, ao mesmo tempo, uma coisa honrosa e um fardo. Porque você se sente quase que na obrigação de dar continuidade, (*de*) não interromper essa corrente."



Antes de começar a entrevista, Lúcio pediu para que João Victor explicasse melhor a proposta da revista Entrevista. O professor Ronaldo, orgulhoso, disse que a publicação já fazia parte da história do jornalismo cearense.

O aparelho de telefone da biblioteca ficava no centro da mesa, bem em frente ao entrevistado. Durante a entrevista, Lúcio o atendeu por duas vezes. A primeira ligação era um engano.



(Cid Gomes, do PSB, reeleito no primeiro turno nas eleições de 2010). Por melhor que ele fosse ou seja o governo dele, tinha de ter alguém para dar uma oportunidade, para dar uma opção ao eleitorado. Ninguém ia, não aparecia. O que tem aí é um grande condomínio de partidos e de opiniões. Então foi por isso que eu fui. Eu digo: "Não, eu não vou deixar o Ceará, um Estado com a população que tem, com o nível que tem, não ter uma oposição, não ter um candidato". Eu fui ser esse candidato, sabendo que era muito difícil, impossível praticamente. Foi quando o Tasso e os Ferreira Gomes se desentenderam, o Tasso lançou o Marcos Cals (*ex-deputado estadual, filho do ex-governador César Cals*). Eu já estava candidato. Se o Marcos Cals tivesse ido antes de mim, eu não teria sido candidato, eu o teria apoiado, porque eu apoiaria uma oposição ao atual governo. Mas ele entrou quando eu já estava, então fui. Para prefeito foi isso.

Para governador, há muitas coisas que podem explicar. Isso é um trabalho para nós, que estamos especulando: sociólogos, cientistas políticos, jornalistas é que devem examinar isso. Mas eu posso dizer algumas coisas. Uma é (*pausa*) a posição do Tasso. Já está na Bíblia que a casa dividida não se sustenta. O cara era presidente nacional do PSDB (*e*) fica contra mim! E com o grupo dele, ele tinha prestígio, tinha nome, era senador, etc. Depois, (*outro fator foi*) o Lula, né? Era uma figura fortíssima! Embora tenha se dado muito bem comigo, tivemos um excelente relacionamento, uma boa proximidade, o candidato do

partido dele era outro (Cid Gomes). Cito essas duas coisas. E há quem ache que era o fim de um ciclo, fim de um ciclo político, (*com*) um candidato muito mais jovem do que eu. Essas coisas terminam pesando.

Ranniery – Mas, particularmente, o que é que o senhor sente com a derrota?

Lúcio – Eu acho que tudo isso aí, eu acho que é uma soma de todos esses fatores. Estamos falando da eleição de 2006. Agora eu não ia... Eu até pensei, depois daquela entrevista que o Tasso deu, e a posição que ele tomou (*em não apoiar a candidatura de Lúcio ao governo durante as eleições*), em nem ser candidato e terminar o governo, (*que*) estava concluída a minha missão (*Em abril de 2006, a imprensa noticiou um pronunciamento de Tasso em que ele acusou Zenóbio Alcoforado, chefe da Casa Militar de Lúcio, de divulgar uma versão "deturpada" segundo a qual o governador estaria sendo traído por uma possível aliança entre Tasso e Ciro. Além disso, Tasso acusou o governador de estar lançando mão de "interferências pessoais" no governo e no partido*). Mas eu tive uma grande cobrança do partido... Cobrança não. Iam lá e imploravam (*ênfase*) para eu ser candidato. Porque, se eu não fosse candidato, o PSDB não tinha candidato. Como é que ia eleger deputado? Foi a vez que o PSDB elegeu o maior número de deputados estaduais, foi nessa eleição. E esses todos me imploravam, passaram semanas, todo mundo pedindo para eu ser candidato. Eu resolvi ir mas enfrentando todas essas adversidades que a gente mencionou aqui.

Diversas vezes, quando alguém ia perguntar, Lúcio interrompia e continuava a resposta anterior. Raiana chegou a ser interrompida três vezes em uma mesma pergunta, mas ele pediu-lhe desculpas. As interrupções foram motivos de risadas da turma.

Raiana – Mas como é que o senhor se sentiu em meio a essa situação do rompimento com o Tasso, de o senhor até ter pensado em não tentar a reeleição, mas o partido pediu... Como é que o senhor se sentiu?

Pedro – Permita que eu complemente. Acho que, quando ela fala sentir, é como o senhor adjetiva esse momento, é tristeza, raiva...

Lúcio – *(Interrompendo)* Não, eu fiquei muito... Olha, isso é um misto de uma porção de coisas. Mas, se fosse para escolher só uma palavra, eu diria que é uma decepção. Por quê? Eu sou uma pessoa... Tem gente que acha que, quando eu digo isso, é querendo fazer charme, mas não é. Tem alguma coisa que me falta para a política: malícia, desconfiança... Eu não tenho. Então se eu ia lá, conversava com ele, *(ele dizia:)* “Não, você tem direito à reeleição, você está fazendo um excelente governo, as pesquisas mostram você numa boa posição”. Tasso *(quem falava isso)*. *(Eu)* ia no **Ciro** *(Ciro Ferreira Gomes, hoje do PSB, foi governador do Ceará de 1991 a 1994)*, falava com ele, *(ele dizia:)* “Não, Lúcio, de jeito nenhum, você tem que ser, o candidato é você. Meu irmão *(Cid)* tem uma vocação política mas ainda não está maduro para isso”. O que é que ia fazer? Ia desacreditar, ia achar que eles estavam *(pausa)* mentindo para mim? Por quê?

Eu fui candidato em 2002... *(pausa)* Nunca me disseram isso, mas, no íntimo, eu acho que eu não era a primeira opção para ser candidato *(do PSDB)*. Eu fui candidato porque era o nome que assumia as melhores condições pra vencer a eleição. E quase não ganhei. Os lugares a que eu fui chegando, em grande parte, foram expressão de um consenso natural que foi se formando. Se o **Ciro** me dissesse, se o **Tasso** me dissesse – eu estou falando nesses, que eram os dois grandes líderes que me apoiaram *(em 2002)*, tanto o **Ciro** quanto o **Tasso** – *(se eles)* dissessem para mim que não iam me apoiar *(em 2006)*, que queriam uma outra solução, um outro candidato, nós teríamos chegado a um entendimento e colocado esse outro candidato. Então o que eu acho é que eles não foram leais comigo. Não foram corretos comigo. Até considerando a relação que nós tínhamos, de convivência política durante bastante tempo. E não aparecer com esse golpe na décima hora.

Raiana – Essa foi a sua maior decepção?

Lúcio – Foi. Tem revolta, tem tristeza, tem sensação de injustiça. Mas, se passar para uma palavra só, diria que foi uma grande decepção.

João Victor – Nesse ano *(2006)*, os jornais chegaram a noticiar que o **Ciro** e o **Tasso** teriam se reunido com o senhor pra lhe propor uma

candidatura ao Senado e não à reeleição. Depois o **Ciro** acabou desmentindo essa versão dizendo que teria sido o senhor quem teria divulgado isso. O que realmente aconteceu?

Lúcio – Aconteceu isso. Infelizmente, e aí foi um erro meu, eu devia ter levado uma pessoa comigo. Porque essa reunião foi a três: o **Ciro**, o **Tasso** e eu. Isso faltando 24 horas para o prazo de desincompatibilização. *(Eles disseram:)* “Não, o candidato é o **Cid**, e você vai para o Senado”. **Cid** e **Ciro** apoiariam o **Geraldo Alckmin** *(Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho foi o candidato do PSDB derrotado no segundo turno)* para presidente. Eu não aceitei porque era uma coisa que eu considerei, vamos dizer assim, *(pausa)* vergonhosa. Eu vou sair na última hora do governo pela porta dos fundos? E, a essa altura, eu já não tinha mais nem confiança neles para ser candidato ao Senado. Então eu não aceitei. *(Eu disse:)* “Tudo bem, o candidato é o **Cid**, eu vou ficar no governo até o fim, vamos fazer a campanha”. Esse fato, essa história, houve. Agora eram três pessoas, o **Ciro**, o **Tasso** e eu, no apartamento do senador **Tasso Jereissati** em Brasília. Então, eu considerei aquilo quase que um ultraje. Em política a gente cede, em política a gente tem... Tem gente que considera que eu cometi um erro, que eu devia ter aceitado e ter sido candidato ao Senado. Houve outro fato também, que pesou na minha decisão: eu não confiava mais no meu vice-governador *(Francisco de Queiroz Maia Junior, do PSDB, que também foi secretário de Planejamento)*. Já não tinha confiança nele, porque ele não tinha sido leal comigo também. Então, eu digo: “Não, eu vou ficar no governo, termino o meu mandato, e depois a gente vai ver o que é que vai fazer”.

Juliana – Mas a relação pessoal ficou abalada?

Lúcio – De quem? Com quem?

Juliana – Do senhor com o **Tasso**. O senhor deixou de falar com ele?

Lúcio – Ficou, ficou. Abalada ficou.

Raiana – Doutor **Lúcio**, na pré-entrevista que a gente teve...

Lúcio – *(Interrompendo)* Quer dizer, *(eles)* colocaram na última hora porque achavam que eu não tinha coragem de... Achavam que eu ia aceitar essa solução.

Juliana – É, porque o senhor já tinha um histórico de conciliador de certa forma...

Lúcio – Mas eu achei que foi um desrespeito a mim, querer me colocar... Aí não dá! Pera aí, não é assim. O que vocês estão pensando? O plano era esse aí. *(Pensavam:)* “O **Lúcio** é conciliador e tal, o **Lúcio** vai aceitar”. Foi onde ele furou. E o resultado é que o começo do fim do PSDB aqui foi isso. Foi a partir disso aí. E, depois, os **Ferreira Gomes** não apoiaram o **Tasso** no Senado *(em 2010)*. E é o que vocês viram.

Lúcio se mexia bastante durante a entrevista. **Igor** e **Juliana** contaram que, em um determinado momento, ele, sem querer, bateu os pés nas pernas dos dois, que estavam do lado oposto da mesa.

Na reunião de avaliação, a turma comentou que diversos fatos importantes acabaram não sendo abordados. Mas o ponto considerado mais forte foi a relação entre **Lúcio** e **Tasso**. **Ronaldo** disse que o entrevistado ficou desconcertado nesse momento.

Terminada a entrevista, Juliana aproveitou a "brecha" para perguntar a Lúcio se ele estava disposto a disputar a Prefeitura de Fortaleza em 2012. A resposta dele foi enfática: "Definitivamente não".

(O PSDB) está hoje reduzido a dois deputados estaduais etc.

Juliana – Então o senhor não se arrepende de ter dito não a ele?

Lúcio – Não me arrependo, não. Não me arrependo porque isso aí era uma questão, volto a falar, dos nossos limites. Isso, para mim, virou uma questão de ordem moral! Eu vou sair daqui humilhado e com o rabo entre as pernas, saindo pela porta do fundo do palácio? Pode ter sido erro meu, não sei, alguns amigos meus (*dizem:*) "Ah, porque podia ter aceitado, seria senador, depois..." Seria?

Raiana – Então, nesse momento, era o Lúcio intelectual, que estava analisando a situação, vendo o que era melhor... Mas a minha pergunta é... Porque a Auxiliadora falou que o senhor, mesmo nesses momentos difíceis, continua sereno, continua centrado. Em que momento essa paixão – o senhor falou que "política é paixão, é emoção" –, em que momento o senhor é afetado por isso?

Lúcio – Quando me afeta o aspecto moral, ético. Esse é o meu limite. Se disser que eu fui um mal governador, que eu fui um governador que não correspondeu... Tudo isso, por mim, não tem problema nenhum, é da política. Agora o meu limite é o limite moral, é o limite ético. Esse é o grande patrimônio que eu fiz na política. Recebi do meu pai e dei continuidade. Meu limite é esse aí. Você quer me ver transtornado é com isso. Porque eu realmente não aceito. Não tem motivo! Se você trazer (*um motivo*), eu me rendo. Mas esse, para mim, é o ponto de não-retorno. O resto não tem problema, vamos levando.

Raiana – Mas teve algum momento em que isso aconteceu?

Lúcio – Já, por exemplo, essa entrevista do Tasso, ele insinuou que tinha coisa no governo. A imprensa, deputados... Um dos deputados que mais me atacaram na Assembleia (*Sávio Pontes, do PMDB*), a mando dos Ferreira Gomes, hoje é prefeito do Ipu (*município cearense localizado na região da Ibiapaba*), é um homem cheio de... Está em incurso acho que em todos os artigos do Código Penal. Mas, mesmo (*com*) isso aí, eu convivi, (*pois*) é a tribuna, é o parlamento, vou me defender, vou mostrando... Transparência, isso é outra coisa importante para mim. Não tenho nada a esconder! Quer falar comigo? As lideranças da oposição viviam lá (*no meu gabinete*), o hoje senador Inácio Arruda (*senador pelo PCdoB*), esse próprio Nelson Martins (*deputado estadual pelo PT*) e outros lá, na hora que queriam falar, eram recebidos, tratava muito bem, se possível atendia.

Agora, outra coisa, hoje em dia, na Assembleia, não se aprova um pedido de informação ao governo. O que é o Poder Legislativo? Ele

tem duas funções básicas: fazer lei e fiscalizar o Executivo. No meu governo, por exemplo, todos os pedidos de informação que os deputados fizeram foram aprovados e eu respondi. Esse governo (*Cid Gomes*) não deixa nem aprovar um pedido de informação! Não é nem para saber, (*que*) está dizendo que há corrupção. É para se informar, saber! Mas, logo ali, não deixam. Então é outro exemplo que eu quero dar pra mostrar esse caráter democrático, que eu acho que é uma coisa que a gente tem de preservar. Porque é da essência do regime político isso. E o direito à informação e à controvérsia, ao debate.

Igor – Doutor Lúcio, em janeiro deste ano, o Jornal O Povo chegou a divulgar que o senhor estaria disposto a se aliar novamente com o Tasso Jereissati para uma chapa em oposição à Prefeitura de Fortaleza. O senhor falou que política é contexto e tudo depende do momento. Existe uma possibilidade, uma tentativa de reaproximação?

Lúcio – Não, aí é o seguinte. Eu não sou dono do partido. Se o partido amanhã resolver marchar junto com o PSDB, eu não vou impedir isso, não vou me opor a isso. (*Mas*) isso em nada muda o meu entendimento sobre esses fatos que nós falamos aqui. Não (*falo*) para cultivar isso, para ser uma pessoa amarga, ressentida. Não é isso. Mas foi uma coisa muito grave, que eu registro. Agora, politicamente, se o partido, PR (*Partido da República, criado em 2007 a partir da fusão entre o Partido Liberal, PL, e o Partido da Reedificação da Ordem Nacional, Prona*), que é o partido que eu, no momento, estou, se aliar com o PSDB, o que numa eleição municipal, isso (*é possível*), não vou ser entrave a isso.

João Victor – Mas como presidente do partido, o senhor estaria disposto? Se depender do senhor?

Lúcio – Se depender de mim, vamos analisar qual é o contexto político aqui. Não vou,

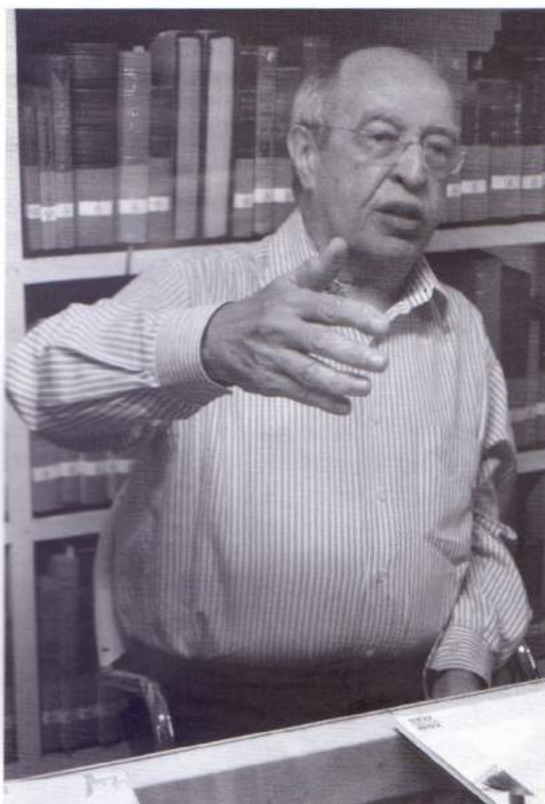
“Foi a minha primeira opção. Se eu não fosse míope, provavelmente eu, se tivesse passado no exame físico e tudo, teria sido oficial da Marinha.”

Na edição da entrevista, a equipe teve muito trabalho para escrever todas as referências com as informações sobre os políticos, partidos e fatos citados por Lúcio em sua fala.

por uma questão (*pausa*) dessa relação com o ex-senador e ex-governador Tasso Jereissati, deixar de discutir um quadro político. Posso discutir. Mas daí a dizer que eu vou, isso é... Vocês são jornalistas, (*vocês têm de ver*) o contexto em que isso foi dito: isso foi (*quando*) eu (*estava*) embarcando no aeroporto, o jornalista Eliomar (*Eliomar de Lima, repórter do Jornal O Povo*) me perguntou: "Como é que tá a...?" (*Eu respondi:*) "Não, estamos conversando, eu converso com o PDT, converso com outros partidos, e tal". (*E Eliomar falou:*) "E com o PSDB, amanhã, se for, é possível ter uma aliança?" (*Eu respondi:*) "Eu não descarto, é possível". (*Ele perguntou:*) "Mesmo com esses problemas com o senador Tasso Jereissati?" (*Eu disse:*) "Mesmo com esses problemas. Não é isso que vai impedir uma eventual aliança entre os dois partidos". Como é que ele colocou? "Lúcio quer, ou vai (*se aliar a Tasso*)...", que é uma coisa completamente... Mas, meu querido amigo Eliomar, nem adianta eu lhe... (*risos da turma*). Porque, se ele tivesse colocado exatamente como eu disse, não ia chamar atenção (*risos*). Chamou a atenção foi a maneira como ele colocou, como se eu estivesse indo atrás para fazer (*uma aliança*). Eu estou dizendo é que não coloco o que aconteceu entre mim e ele (*Tasso*) como um empecilho a um eventual acordo entre os dois partidos.

Igor – Então a sua decepção é em relação à figura dele, e não em relação ao partido PSDB?

Lúcio – Não, em relação ao partido PSDB, eu também posso ter outras restrições. Mas o que acontece aqui? Nós temos de ver, nesse contexto, a coisa local, como é que funciona. Por exemplo, acho que foi ela (*aponta pra Nayana*) que falou em incoerência. Uma coisa que muita gente achou que eu fui incoerente. Nós apoiamos, nas eleições do ano passado, a Dilma (*Dilma Vana Rousseff, Presidente do Brasil*). Nós fizemos cartaz para ela, fizemos isso, fizemos aquilo. Antes de eu ser candidato, eu fui lá e perguntei ao presidente do PT, que inclusive é meu amigo, o então presidente, o José Eduardo Dutra (*ex-senador pelo Estado de Sergipe*). (*Eu disse:*) "Olha, vou ser candidato, mas eu quero saber como é que vai ser o comportamento (*do PT*)". (*Ele respondeu:*) "Não, (*vão ser*) dois candidatos, só não podemos responder pelo Lula, porque o Lula faz o que ele quer. Mas (*para*) a Dilma e tudo, são dois candidatos". Fui no Padilha (*Alexandre Padilha*), que era secretário de Relações Institucionais, (*ele disse a*) mesma coisa. (*Também o*) líder lá do PT e tal. Tudo bem, me lancei (*apoiando a*) Dilma. (*Ela*) nunca gravou para mim. Apesar de todo dia dizer: "É amanhã". Isso tudo eu tenho documentado em e-mails, etc. (*Quan-*



do ela) vinha aqui, eu ficava sabendo como vocês, pelo jornal, pela imprensa. E houve um comitê interpartidário que lançou a candidatura, organizou (*o lançamento*) lá na sede do PT. O pessoal do PT aqui, o Acrísio (*José Acrísio Sena, vereador de Fortaleza*), até que é meu amigo, foi o intermediário, pediu pelo amor de Deus para eu não ir porque ia irritar os Ferreira Gomes, e eles não queriam, e tal. Qual era a obrigação que eu tinha de, no segundo turno, apoiar uma pessoa de um partido que agiu comigo desse jeito, (*com*) desconsideração total? No outro dia, o Geraldo Alckmin me ligou, o Serra (*José Serra, ex-governador de São Paulo, concorreu às eleições para presidente em 2010 pelo PSDB*) me ligou. E eu nunca recebi (*do PT*) nenhum telefonema de "muito obrigado", nenhuma explicação (*de*) por que fizeram isso. Quer dizer, não cumpriram nada que acertaram comigo. Eu não tinha nada contra o Serra, eu considero inclusive o Serra um político muito qualificado, uma pessoa preparada. Tem outros defeitos, é um homem difícil de conviver. Embora seja meu amigo pessoal, amigo mesmo, é uma pessoa de convivência difícil. Mas é um dos políticos brasileiros mais preparados que nós temos. Corajoso. O que ele fez, por exemplo, com o genérico foi uma coisa muito importante e que foi preciso ter muita garra para fazer (*quando foi ministro da Saúde no governo FHC, Serra implementou a lei dos medicamentos genéricos*). Então eu fui a Canindé (*durante a campanha do*

A Entrevista do Lúcio foi a última a ser entregue, e tomou alguns dias da equipe de produção. João Vítor e Raiana tinham dificuldades de se encontrar até mesmo na internet para realizar a edição do material.

Mesmo quando finalmente se encontraram no prédio da Comunicação para rever toda a edição da entrevista, ainda faltavam detalhes para terminar. Ronaldo flagrou os dois finalizando a edição, e cedeu um prazo maior para a entrega.

Depois da revisão da entrevista, da produção das janelinhas e da escolha do perfil, ainda faltava selecionar as fotos que iam para a Revista. A fotógrafa Isabel Paz disponibilizou quase dois gigas só de fotografias da entrevista com Lúcio!

segundo turno em 2010), estava lá o senador Tasso, eu o cumprimentei, ele me cumprimentou, anunciou meu nome. Ele ia apoiar o Serra e eu também. Então por isso é que eu digo (*que*) os partidos podem eventualmente se coligar.

Roberta – Doutor Lúcio, falar de política deveria estar vinculado a um discurso sobre ética. O que significa ser ético na política pro senhor?

Lúcio – (*Breve silêncio*) Olha, é... Não existe uma ética, ou a ética da política, ou a ética... A pessoa é ou não é (*ética*). Eu acho que uma das coisas que mais desgastam um político hoje é justamente certas condutas, certos comportamentos que o político adota, em termos de desrespeitar a sociedade, em termos de não cumprir com as suas obrigações, de querer se aproveitar, usar a política em proveito próprio. A política hoje virou um negócio. Tem gente que entra na política para ganhar dinheiro, para fazer negócio. Ou (*negócio*) para ele diretamente ou lobby pros outros. Ou (*entra na política*) para se defender da Justiça com a imunidade. Isso é que desgasta o político. Claro, o político é um ser humano. Político erra, político se engana. Ninguém pode achar que o político é uma figura que está blindada contra tudo isso. Mas eu sempre digo assim: quem é político... Primeiro que isso é uma decisão pessoal. Ninguém é obrigado a ser político, vai porque quer. Sabe que é uma atividade que tem características muito próprias. Tem muitas coisas que eu faço porque sou político. Tem muitas outras que eu não faço porque sou político. Agora, o que a gente vê hoje é isto: político que, para captar votos, diz que vai fazer uma determi-

nada coisa e, quando se elege, faz outra, que volta as costas pra população, que não recebe as pessoas, que não tem essa disponibilidade pro diálogo, para ouvir, etc.

Raiana – Mas, no contexto brasileiro, essa questão partidária, de muitos partidos e dos políticos, e toda essa questão que o senhor falou de que hoje muitos se inserem na política para conseguir negócio... Como é que o senhor se mantém íntegro, como o senhor mantém os seus valores frente a esses jogos tão complicados da política brasileira?

Lúcio – Olha, é... Isso, vamos dizer assim... Desde quando eu entrei até hoje... Eu sempre tenho um certo receio de dizer essas coisas para não parecer um saudosismo, ou uma coisa meio, vamos dizer assim, (*pausa*) irreal. Mas eu acho que isso foi se agravando com o tempo. Eu acho que hoje ou o meu pai ou eu dificilmente teríamos tido a oportunidade que nós tivemos na política. Hoje eu considero (*que*) um médico chegar e ingressar (*na política*), e ser um candidato a deputado, é muito difícil. Como eu consegui na época e ele conseguiu. Por quê? Porque hoje o jogo é muito mais duro, a coisa está muito em torno do dinheiro, de campanhas, de negócios, que tornam difícil um profissional liberal, uma pessoa assim... Bom, eu entrei muito (*na política*) como? Com a tradição e com o desempenho que eu tive nas oportunidades que me apareceram. Mas evidentemente eu disse aqui que muita gente dizia: "Ah, doutor Lúcio não pode ser candidato porque não tem muito dinheiro". Claro que, muitas vezes, isso era visto em relação a mim como um fator restritivo. E, às vezes, eu terminava indo porque outros fatores pesavam ao meu favor, inclusive o de não

Todo o processo pareceu ter fim quando, na véspera de viajar, Raiana deixou um pen-drive com o João Victor para que ele selecionasse as imagens ideais para publicação. Mas na Revista Entrevista o trabalho só termina no dia do lançamento.



ter dinheiro, porque significava que eu não me aproveitei dos cargos que eu tive para roubar, para fazer fortuna... Por um lado, era um fator favorável a mim (*o fato*) de ter passado por todos esses cargos e... Eu não tenho uma acusação de corrupção. Esse governo, por exemplo, que é um governo que tem toda... (*pausa*) Enfim, (*é*) hostil completamente (*a mim*). Você acha que, se eu tivesse problema no governo, eles já não tinham feito (*alguma coisa*) para me atingir? Então é porque não tem! Erro do governo, deve ter. Se você, dentro de casa, tem, imagine um governo. O que é diferente de você ser um governador corrupto, um governante corrupto.

Raiana – Ao pesquisar sobre a trajetória política do senhor, percebemos que, enquanto assumiu cargos públicos, foi eficiente em (*cumprir*) suas promessas de campanha. E ultimamente está afastado desses cargos políticos, mas em eleições continua se candidatando. Então o que o senhor acha que ainda falta realizar pelo povo cearense como político?

Lúcio – Bom, uma coisa que, por exemplo, quem trabalhou comigo no governo sabe disso, que eu era obcecado para cumprir tudo aquilo que eu prometi em campanha. Eu tinha uma obsessão em estar todo dia avaliando isso. Claro, vamos dizer, pegar uma coisa: Centros de Especialidades Odontológicas. Eu fiz alguns. A pessoa pode dizer: “Ah, mas fez poucos”. Mas o problema é o de quantidade, não é de não ter cumprido com o compromisso. Eu tinha essa obsessão realmente de cumprir tudo aquilo que estava no plano de governo e que eu falei durante a campanha. Eu vejo a política como um instrumento para servir. Se eu ainda me candidatar a algum cargo, é exatamente para continuar servindo à população, dando uma contribuição que eu puder dar da minha experiência, do conhecimento que eu tenho para melhorar a vida do povo, para ajudar o cearense, para ajudar o nosso Estado. O meu objetivo seria somente esse. Eu ainda não deixei a política porque eu acho que ainda tenho alguma coisa para dar, para oferecer. Não tem outro motivo, outra razão.

Nota da produção

Após a captação da entrevista, a turma decidiu contatar os ex-governadores Tasso Jereissati e Ciro Gomes a fim de conceder-lhes direito de resposta, em virtude das declarações de Lúcio sobre a formação das alianças políticas nas eleições de 2006. No entanto, até o fechamento desta edição, a equipe de produção não conseguiu entrar em contato com a assessoria de Tasso, e os funcionários do escritório de Ciro em Fortaleza não responderam as solicitações da equipe.

